



UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE SANTA CATARINA

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA -UFSC  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - CFH  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
BACHARELADO E LICENCIATURA EM HISTÓRIA

THAYSE FERNANDA DA ROSA

**MEMÓRIA CONTESTADA:**  
A REPRESENTAÇÃO FEMININA NA GUERRA DO CONTESTADO

FLORIANÓPOLIS – SC  
2018

THAYSE FERNANDA DA ROSA

**MEMÓRIA CONTESTADA:**  
A REPRESENTAÇÃO FEMININA NA GUERRA DO CONTESTADO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Bacharel/Licenciado em História. Orientador: Profº Dr. Paulo Pinheiro Machado.

FLORIANÓPOLIS - SC  
2018

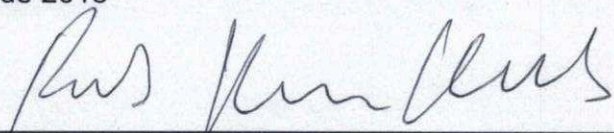


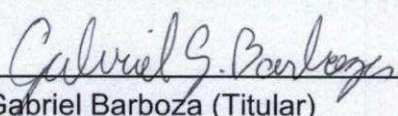
Universidade Federal de Santa Catarina  
Centro de Filosofia e Ciências Humanas  
Curso de Graduação em História

**ATA DE DEFESA DE TCC**

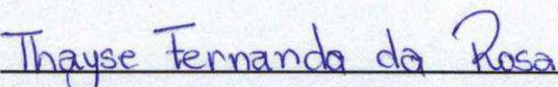
Aos vinte e oito dias do mês de junho do ano de dois mil e dezoito, às 09 horas e 00 minutos, Sala 10 do Departamento de História, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelos seguintes membros, Prof. Dr: Paulo Pinheiro Machado (Orientador(a) e Presidente); Gabriel Barboza (Titular); Prof. Dr: Henrique Espada Lima Filho (Suplente), designados pela Portaria Tcc nº 25/HST/CFH/2018, a fim de arguirem sobre o Trabalho de Conclusão de Curso do Acadêmico Thayse Fernanda da Rosa, intitulado: **"Memória contestada: a representação feminina na Guerra do Contestado"**. Aberta a Sessão pelo(a) Senhor(a) Presidente, o Acadêmico expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, o mesmo foi arguido pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas, pelos membros da banca as seguintes notas, Prof. Dr: Paulo Pinheiro Machado, nota 9,0, Gabriel Barboza, nota 9,0, Prof. Dr: Henrique Espada Lima Filho, nota —, sendo o acadêmico aprovado com a nota final 9,0. O acadêmico deverá entregar na Coordenadoria do Curso de Graduação em História em versão digital, o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, até o dia 04 de julho de 2018. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo candidato.

Florianópolis, 28 de junho de 2018

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr: Paulo Pinheiro Machado (Orientador(a))

  
\_\_\_\_\_  
Gabriel Barboza (Titular)

\_\_\_\_\_  
Prof. Dr: Henrique Espada Lima Filho (Suplente)

  
\_\_\_\_\_  
Thayse Fernanda da Rosa (Acadêmico)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
Campus Universitário Trindade  
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina  
FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto \_\_\_\_\_ que \_\_\_\_\_ o  
acadêmico(a) Thayse Turmanda da Rosa, matrícula  
n.º 15150073, entregou a versão final de seu TCC cujo título é  
Memória Contestada: a representação feminina na guerra, do contestado  
com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 02 de Julho de 2018.

Orientador(a)

Dedico este trabalho a minha avó materna,  
Nair Blun Trichez (in memoriam), eterna  
inspiradora pela luta e histórias do povo do  
campo, minhas primeiras aulas sobre o  
Contestado.

## **AGRADECIMENTO**

Um trabalho de Conclusão de Curso é feito por muitas mãos, e no meu caso não foi diferente. Primeiramente, agradeço o povo brasileiro pelos impostos pagos que possibilitaram a mim ter uma formação gratuita e de qualidade.

Quero agradecer a minha família: minha mãe Maria, que desde a tenra idade me apresentou a história, através da leitura e filmes dos grandes personagens históricos, por sempre acreditar em mim. Meu pai Germano que nunca deixou com que faltasse nada a nossa família, me incentivando sempre os estudos e permitindo assim, que eu fosse a primeira da família a ser graduada em uma universidade federal. Ao meu irmão Bruno por ficar jogando vídeo-game horas e horas com meu filho para que eu pudesse confeccionar este trabalho. Sem vocês eu nada seria.

Ao meu marido Deyvson, que foi meu incentivador e fã, por toda a ajuda estímulo a continuar, por assumir a nossa casa sozinho para que eu me dedicasse exclusivamente a universidade, por apoiar minhas escolhas, por seu amor, carinho e cumplicidade. Aos meus filhos Isys e Yan, por mudar completamente a minha visão de mundo, por entenderam a minha ausência e por vibrarem a cada obstáculo vencido. Tudo isso é por vocês.

Aos meus sogros Marbel e Celso, moradores de União da Vitória, por toda ajuda com meus filhos e por embarcaram comigo nessa aventura, me mostrando todos os pontos da cidade e me intigando a fazer sobre o Contestado esse trabalho. Meu muito obrigado.

Meu orientador Paulo, por toda a sua sabedoria e orientação. Por aceitar esse desafio sem pestanejar, por entender a minha ansiedade e perdoar a minha falta de experiência, por disponibilizar tudo aquilo que ele tinha para que esse trabalho fosse o melhor possível. Minha gratidão.

Aos meus colegas de universidade, que nesses dez anos de UFSC, me ajudaram a compor o que eu sou hoje, mas em especial a Mauren Benincá, por escutar as minhas lamentações e me encorajar todos os dias.

Aos servidores do departamento de História, aos meus mestres da graduação que, com seus conhecimentos e dedicação me transformara e me inspiraram a ser cada dia melhor para mim mesma e para meu país, e que tornaram tudo isso possível. Meu muito obrigado.

Na história, não há camuflagem mais eficaz do  
que nascer mulher.

Nancy Goldstone.

## RESUMO

O presente trabalho tem como tema geral as representações femininas na Guerra do Contestado e a importância das mulheres no reduto e suas contribuições para o movimento. Começando com um breve resumo sobre qual era a composição da população cabocla naquela época, e seu modo de vida. A instalação da estrada de ferro São Paulo – Rio Grande da empresa *Lumber*, e a contribuição desta para o desencadeamento da guerra. Os motivos que levaram a criação dos primeiros redutos. O aparecimento dos monges João Maria e José Maria. O surgimento do primeiro reduto em Taquaruçu, a ida e combate no Irani. A segunda fase do Contestado com a reconstrução de Taquaruçu, o aparecimento e o declínio da *virgem* Teodora. O reduto de Caraguatá, o seu modo de vida, e a ascensão da segunda *virgem* Maria Rosa, suas estratégias e mando no reduto até seu decesso.

**Paravras – chave:** Guerra do Contestado, mulheres, *virgem*, Maria Rosa.

## ABSTRACT

This presente research has it as general theme of the female representations in the War of Contestado and the importance of the women in the *reduto* and their contribution for the movement. Starting with a brief resume of what was the composition of the *caboclo* population in that period and their life style. The instalation of the São Paulo – Rio Grande railroad by *Lumber* Company, and their contribution in provoking the beggining of the war. The appearing of the monks João Maria e José Maria. The motivations that made they create the first *Reduto* [the settlements] in Taquaruçu, their going and combat in Irani. The second phase of *Contestado* with the reconstruction of Taquaruçu, the aparition and declination of *virgem* Teodora. The settlement in Caraguatá, their way of life, the ascending of the second *virgem* Maria Rosa, her strategies and commands in the *reduto* until her's demise.

**Keywords:** War of Contestado, Women, *virgem*, Maria Rosa.



## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Fotografia dos funcionários da <i>Lumber</i> .....	20
FIGURA 2 – Mapa mostrando a divisão dos estados do Paraná e Santa Catarina a partir do decreto de 1865.....	22
FIGURA 3 – Mapa da linha férrea de propriedade da <i>Lumber</i> , saindo de São Paulo e chegando ao Rio Grande do Sul. Mostra também a área contestada pelos estados de Paraná e Santa Catarina, e a área conquistada pelos sertanejos.....	23
FIGURA 4 – Fotografia da <i>virgem</i> Teodora.....	29
FIGURA 5 – Fotografia de uma família cabocla rendida em Canoinhas em 1915.....	38
FIGURA 6 – Fotografia rara do reduto de Caraguatá tirada em 1913.....	42
FIGURA 7 – Bandeira do Contestado.....	47
FIGURA 8 - Pintura de Maria Rosa.....	49
FIGURA 9 – Mapa do estado de Santa Catarina mostrando a área conquistada pelos caboclos em outubro de 1914.....	59
FIGURA 10 – Fotografia de Rosa Paes de Farias.....	68

## SUMÁRIO

<b><u>1. Introdução:</u></b> .....	<b>11</b>
<b><u>2. A Guerra Cabocla do Contestado:</u></b> .....	<b>19</b>
<b><u>2.1</u></b> Origens, motivo e fases	
<b><u>2.2</u></b> Definições de mulher cabocla	
<b><u>2.3</u></b> As virgens: Teodora e Chica Pelega	
<b><u>3. A guerreira Maria Rosa:</u></b> .....	<b>37</b>
<b><u>3.1</u></b> Trajetória no movimento do Contestado, estratégias de combate e liderança do Reduto de Caraguatá.	
<b><u>3.2</u></b> Ascensão e queda de Maria Rosa no movimento	
<b><u>4. Considerações finais:</u></b> .....	<b>59</b>
<b><u>5. Referências Bibliográficas:</u></b> .....	<b>64</b>



## 1. Introdução

O tema deste TCC- Trabalho de Conclusão de Curso, esteve sempre em minha vida, sempre me circundou, mais nunca tinha chamado a minha atenção. Sou neta de cabocla e italiano, filha de mãe nascida no meio oeste e de pai manezinho, casada com alguém nascido na fronteira Contestada, mas, meus objetivos na história eram outros: ser egiptóloga. Foi quando, no ano de 2017 em viagem a Porto União, para rever a família, meu filho foi batizado nas águas de São João Maria, da mesma maneira que seu pai foi quando pequeno. A partir desse momento, o Contestado vira meu objeto de estudo.

Pouquíssimo estudado nas escolas de ensino de Florianópolis, nada sabia a respeito da Guerra do Contestado. Sabia da existência da guerra pelos relatos dos familiares, que viveram na região. Então comecei a perguntar para eles sobre o que sabiam dessa passagem histórica de nosso estado. Surgiu então muitas lacunas muitas formas de interpretação, personagens e motivações errôneas. A confecção deste TCC, era um modo de eu aprender e contar para minha família a nossa história, a nossa origem.

Ao me aprofundar nos estudos, encontrei personagens que para mim, eram estranhos e deslocados do modo de vida “natural” daquela época, e pelo fascínio que exerceu sobre mim uma dessas personagens, torna-se meu objetivo: Maria Rosa.

A Guerra do Contestado aconteceu no ano de 1912 e finda no ano de 1916, portanto dura quatro anos. Seria mais adequado dizer a Guerra no Contestado pois o conflito não se deu nas fronteiras contestadas dos estados de Santa Catarina e Paraná, como o nome nos induz a pensar. Com a instalação da estrada de ferro São Paulo-Rio Grande pela empresa americana *Lumber*, os caboclos são retirados de suas casas ficando abandonados a própria sorte. Foram esses sertanejos que inspirados pela a luta da terra e cientes da sua marginalização, entendendo que se tratava de uma luta entre ricos e pobres, que se reúne e se volta contra o governo, que somente defendia os interesses dos coronéis e estrangeiros. Não trataremos aqui sobre uma “revolta alienada” defendida por Vinhas de Queiroz, e nem os

chamaremos de fanáticos e jagunços, pois entendemos que esses termos são utilizados de forma pejorativa e discriminatória para invalidar e até mesmo desviar o principal objetivo do movimento<sup>1</sup>, mas sim de um povo que entendia a sua condição social. (MACHADO, 2001)

Nesse período, início do século XX, a condição das mulheres não eram boas (e ainda não são) especialmente para aquelas do campo. E é nesse contexto em que Maria Rosa está inserida.

As mulheres eram desprovidas de direitos e submissa aos homens, fossem eles pais, irmãos ou maridos. Segundo Weinhardt a mulher é um personagem quase ausente das narrativas de conflitos armados e relatos belicosos já que este universo é tradicionalmente considerado, na nossa cultura, um mundo dos homens. (WEINHARDT, 2000)

A mesma autora continua:

Quer dizer, mulher, fora dos padrões eruditos da cultura, com fé religiosa, e pobre, só podia ser traidora e merecer reprovação. Imagine-se o espanto do tenente e de seus companheiros, todos mais ou menos signatários desses conceitos, quando uma mulher, “de revolver em punho”, mostrou-se disposta a enfrentar a metralhadora (...). Apresentar uma mulher como indivíduo, ainda por cima capaz de liderança, nem pensar, mesmo que esteja do lado do suposto mal. Assim, Maria Rosa, figura que outros autores vêem como tão significativa, fica restrita a uma reduzida nota de pé de página, sem mencionar seu comando espiritual e terreno<sup>2</sup>.

Foi justamente isso fez com que eu me debruçasse sobre sua história, tentando entender sua vida durante a guerra. Quem era a sua família, como ela chegou ao reduto, sua ascensão e queda no movimento. Qual era seu objetivo e o *modus operandi*, de uma adolescente, durante o movimento.

Através de Maria Rosa, conheci outras *virgens* do Contestado, outras mulheres que assim como ela, tiveram papel de destaque no movimento, como Teodora e Chica Pelega. Não podemos nos deixar esquecer de outras mulheres, que mesmo “sem nome”, fizeram parte desse movimento e mudaram o curso da história do nosso estado.

---

<sup>1</sup> Para maiores esclarecimentos ler: VALENTINI, Delmir José, EPIG, Marcia Janete, MACHADO, Paulo Pinheiro. **Nem fanáticos, nem jagunços**: reflexões sobre o Contestado. Pelotas: Editora da Universidade federal de Pelotas, 2012.

<sup>2</sup> WEINHARDT. Marilene. **Mesmos Crimes Outros Discursos?** Algumas Narrativas sobre o Contestado. Curitiba: UFPR, 2000. Pág 91.

Entedemos que a palavra *virgem*, aqui nesse contexto nada tem a ver com uma questão biológica. Ser virgem aqui, refere-se a uma pessoa pura, imaculada pelas dores e perversidade mundana. Aquela única, que poderia receber a voz divina daquele que se tornou um martir, um santo para seu povo: José Maria. Por isso além dessas três virgens que tiveram destaque, havia muitas outras em redutos distintos, como Sebastiana Rocha e Rosa do Thomazinho que era conhecida também por Maria, mas que era casada e tinha filhos.<sup>3</sup>

Para conseguir contemplar os nossos objetivos, utilizaremos como fontes os depoimentos das testemunhas oculares presentes nas bibliografias estudadas ao longo da pesquisa, que são a tese de doutorado do Profº Dr. Paulo Pinheiro Machado<sup>4</sup> exímio pesquisador do Contestado, os depoimentos que constam na obra de Duglas Teixeira Monteiro<sup>5</sup>, a obra de Euclides J. Felipe<sup>6</sup> e também os depoimentos colhidos pelo padre Thomas Pieters, concedidas a mim pelo professor Paulo.

Como se trata de um trauma vivido por essas pessoas, devemos ter cautela ao analisar essa fontes. O testemunho é uma modalidade da memória, e ela pode ser entendida como imagens de coisas do passado. A memória só existe quando existe trauma. A necessidade absoluta do testemunho torna-se uma questão de sobrevivência. A idéia de contar o acontecido ao outro, torna esse outro, portanto nós, participante desse evento.

Nessas situações de “catástrofes históricas”, a memória do trauma é sempre busca de um pacto entre memória individual e memória construída pela sociedade.

Portanto, devemos analisar o relato dos sobreviventes não para questionar sua credibilidade, mas para investigar a estrutura e o significado da construção narrativa dos eventos. (PORTELLI, 2000)

Podemos perceber nos depoimentos que muitos deles não se veem como parte daquele grupo, mesmo sendo testemunhas oculares. Muitos deles creditam ao

---

<sup>3</sup> QUEIROZ, Maurício Vinhas de. **Messianismo e conflito social. A guerra sertaneja do contestado 1912-1916.** São Paulo, Ática, 1977. Pág. 233.

<sup>4</sup> MACHADO, Paulo Pinheiro. **Um estudo sobre as origens sociais e a formação política das lideranças sertanejas do Contestado, 1912-1916.** Campinas. São Paulo, 2001.

<sup>5</sup> MONTEIRO, Duglas Teixeira. **Os Errantes do Novo Século.** SP: Duas Cidades. 1974.

<sup>6</sup> FELIPE, Euclides José. **O último jagunço.** O folclore na história da Guerra do Contestado. Curitiba: UnC, 1995.

monge José Maria o trauma vivido na região, não ao governo que deixou-os desamparados, como podemos perceber na entrevista do Sr. Antônio:

Pois tudo começou com aquele tenente do exército, o José Maria, que chegou em Taquaruçu dizendo que era irmão de João Maria. Este sim era um homem santo, o São João Maria, mas ele já não andava por aqui no tempo da guerra dos jagunços. Como estes matutos eram uns bobos, eles foram na prosa deste José Maria.<sup>7</sup>

Também em entrevista a Thomas Pieters a filha de generoso Ribeiro também credita ao monge o aparecimento dos jagunços: “*Os jagunços formou-se, foi José Maria. Ele apareceu reunindo gente formando um reduto, tinha bastante gente, disse um disse outro*”<sup>8</sup>. João Maria Palhano também relata a mesma coisa: “*O José Maria veio depois. Mas o João Maria tinha avisado para o pessoal que depois dele iam vir falsos profetas, e veio o José Maria. José Maria chegou dizendo que era irmão do João Maria e foi então enganando todo o pessoal.*”<sup>9</sup>

Alessandro Portelli comenta que no massacre de Civitella, na Itália, aconteceu a mesma coisa, o que causou espanto nos entrevistadores:

O escândalo inicial (...) foi descobrir que a memória coletiva dos sobreviventes não só recusava considerar-se parte do movimento da Resistência, como também opunha-se abertamente a ele, acusando os membros locais da resistência de causadores “circunstanciais do massacre”.<sup>10</sup>

Há também nos depoimentos dos sobreviventes da Guerra do Contestado, aquilo que Primo Levi indica como “área cinzenta<sup>11</sup>”, que é para o autor os prisioneiros que, durante o holocausto, trocavam de lado e ajudavam os soldados nazistas. Há um personagem no Contestado que também o faz: Henrique Wolland, conhecido

---

<sup>7</sup> Depoimento de Antônio França Pinto. Retirado da tese de doutorado: MACHADO. Op. Cit. 401.

<sup>8</sup> Entrevista feita por Thomas Pieters, em 15/11/1973. Disponibilizado pelo Profº. Dr. Paulo Pinheiro Machado

<sup>9</sup> Depoimento de João Maria Palhano colhida em 28/02/1998. Disponível na tese de doutorado: MACHADO, Paulo Pinheiro. **Um estudo sobre as origens sociais e a formação política das lideranças sertanejas do Contestado, 1912-1916**. Campinas. São Paulo, 2001. Pág.444

<sup>10</sup> FERREIRA, Marieta; AMADO Janaina(orgs). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro:FGV.2000. pág: 109.

<sup>11</sup> FERREIRA,2000. OP. Cit. Pág:109

com Alemãozinho, foi comandante nomeado por Maria Rosa através de um documento<sup>12</sup>. Foi um dos primeiros a abandonar o movimento, acompanhados por seus homens. Forneceu informações detalhadas sobre os redutos como: localização, líderes, táticas, armamentos, etc. Mas foi um personagem que apareceu somente na guerra. Não era da região como afirma Sebastião Costa: “*Não sei donde ele vinha, era mais um dos que apareceram só na época da guerra.*”<sup>13</sup>

Com o passar do tempo, com o distanciamento do fato ocorrido faz com que aconteça uma mudança nos relatos, e vários aspectos motivam essa mudança: estruturas sociais, e demográficas do evento por exemplo. Essas mudanças não são universais, mais sim históricas e específicas. (PORTELLI, 2000) Quando o fato está recém findado, as testemunhas se sentem mais receosas para falar, tem medos de represálias tanto da parte do governo, quanto da parte dos caboclos sobreviventes, como foi o caso de um dos Pares de França que não queria falar sobre a guerra:

P: Por que as filhas da Maria Rosa resistem a falar ?

Lauro: Por causa do banditismo. Não querem lembrar. No ano passado aqui morreu um “Par de França”, o Sebastião Fernandes, que na época da guerra cortava a facão a cabeça dos inimigos. Pois o Sebastião também não queria falar nada daquele tempo. Ele dizia que não se lembrava, mas na verdade ele não queria falar. <sup>14</sup>

Com as filhas da *virgem* Maria Rosa foi a mesma coisa. Elas não querem falar sobre a vida da mãe nos redutos.

Podemos notar a medida que analisamos as fontes que, antes do trauma, não há nada de importante a ser mencionado, que tudo era calmo e tranquilo. O problema está no fato de que quando a Guerra do Contestado ocorre, as testemunhas eram criança e, portanto, com outra percepção da vida, então essa memória afetiva da infância se replica nos testemunhos de agora:

---

<sup>12</sup> Sobre esse documento o historiador Paulo P. Machado acredita que foi forjado pelo Alemãozinho, para que ele tivesse tratamento especial quando foi preso, o que de fato aconteceu.

<sup>13</sup> Depoimento de Sebastião Costa em 28/08/1999. Retirado da tese de doutorado: MACHADO, Paulo Pinheiro. **Um estudo sobre as origens sociais e a formação política das lideranças sertanejas do Contestado, 1912-1916.** Campinas. São Paulo, 2001. Pág: 494.

<sup>14</sup> Depoimento de Lauro Costa em 27/02/1999. Retirado da tese de doutorado: MACHADO, Paulo Pinheiro. **Um estudo sobre as origens sociais e a formação política das lideranças sertanejas do Contestado, 1912-1916.** Campinas. São Paulo, 2001. Pág.466.



Na saída não lembro direito porque só tinha 2 anos, mas na volta eu era maiorzinha e lembro que nem passarinho - nem curucaca, nem quero-quero - a gente escutava, os jagunços comeram tudo. Não criavam e nem plantavam nada, os jagunços só comiam aquilo que achavam pronto, se não achassem nada, passavam fome mesmo.<sup>15</sup>

João Maria de Paula também comenta que, antes da guerra, as pessoas eram mais respeitadas umas com as outras:

O filho respeitava o pai e a mãe com o maior respeito, até o irmão mais velho era muito respeitado. Davam muita educação, os mais novos sempre pediam licença pra falar pros mais velhos. Hoje está tudo mudado, ninguém mais é respeitado, os jovens se metem na conversa, tomam o assunto, passam na frente de uma pessoa dando topada, até derrubando.<sup>16</sup>

Talvez a não identificação com a causa cabocla se dá pelo fato de que, os sertanejos estavam lutando pelas suas terras retiradas pela *Lumber com o consentimento do governo*. A luta pela terra inspirava o movimento.(QUEIROZ,1977). E isso vai contra a ordem natural das coisas, uma certa interferência. A ordem natural é o governo explorar e as pessoas não reclamarem: “*Sim, porque a dor ensina a gemer, não é ? O trabalho de tropeiro era muito difícil, mas ninguém reclamava porque era aquilo que se tinha que fazer*”. Alessandro Portelli disserta sobre isso no massacre de Civitella:

Obviamente, como a ordem natural coincide com o poder dos mais fortes sobre os mais fracos, a culpa da esquerda (e as narrativas de Civitella salientam sistematicamente esse ponto: ‘o que eu quero dizer é que quando não se tem força, como ter ousadia de matar um alemão?’, P.C.) é também ser fraca e parte dos fracos; sempre levantar armas contra o céu e nunca conquista-lo.<sup>17</sup>

---

<sup>15</sup> Depoimento de Nonésia Carneiro Driessen em 12/06/1998. Retirado de MACHADO. Op. Cit. 478.

<sup>16</sup> Depoimento de João Maria de Paula em 06/06/1998. Retirado da tese de doutorado MACHADO. Op. Cit.441.

<sup>17</sup> FERREIRA, Marieta; AMADO Janaina(orgs). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro:FGV.2000. Pág. 115.

A lei existe para ser cumprida. Portanto todo aquele que resolve sublevar as normas vigentes, e ainda por cima mata inocentes, não merece o apoio da população. Se atacar o governo, o governo atacará. Portelli ainda discorre sobre a síndrome “no meu quintal não”, que significa que dentre os que lutavam contra a força do governo, eram aceitáveis somente aquele que não estavam próximos dos povoados. Quanto mais longe, mais admirados são.

Ao analisarmos as personagens Teodora, Chica Pelega e Maria Rosa, reparamos que, nas entrevistas não é mencionada o nome de Chica Pelega, nem seus parentes são encontrados. Poucas são as obras que citam ela, principalmente as obras mais antigas, organizadas ainda no calor da guerra. Portanto, concluímos que Chica Pelega trata-se de uma lenda, um mito.

Ainda, segundo Portelli, um mito não é uma história falsa ou inventada, e sim uma história que se torna significativa na medida em que amplia o significado de um acontecimento individual, transformando-a na formalização simbólica e narrativa das auto-representações partilhadas por uma cultura,(PORTELLI,2000: 121) não é uma narrativa uniforme, mas uma matriz de significados, ou seja, Chica Pelega não representa somente ela, mas muitas. Foi criada para representar a força da mulher cabocla que lutou na Guerra do Contestado, por isso ela, e não as outras que realmente existiram e que fizeram a diferença nos redutos, ganhou até um romance em sua homenagem<sup>18</sup>. Ela foi criada anos depois da guerra, por isso os sertanejos não citam sua existência. Quando há um trauma coletivo e gera vítimas inocentes, sempre existe alguém que resiste. E esse alguém é o mito. (PORTELLI,2000)

Para referenciais teóricos, utilizamos os clássicos do contestado, Mauricio Vinhas de Queiroz<sup>19</sup>, Duglas Teixeira Monteiro<sup>20</sup>, Euclides J. Felipe<sup>21</sup> que foi um topógrafo da região por quarenta e cinco anos e que através de suas anotações nos apresenta as lendas, crenças e costumes dos caboclos, Oswaldo Rodrigues Cabral<sup>22</sup>, que escreve em 1974, portanto mesmo ano de Duglas, e que menciona somente um uma página (pág.243) o nome de Maria Rosa; e Paulo Pinheiro

---

<sup>18</sup> VASCONCELLOS,A. Sanford. Chica Pelega: a guerreira de Taquaruçu. Florianópolis: Insular. 2000.

<sup>19</sup> QUEIROZ, Maurício Vinhas de. **Messianismo e conflito social. A guerra sertaneja do contestado 1912-1916**. São Paulo, Ática,1977.

<sup>20</sup> MONTEIRO, Duglas Teixeira. **Os Errantes do Novo Século**. SP: Duas Cidades. 1974.

<sup>21</sup> FELIPE, Euclides José. **O último jagunço**. O folclore na história da Guerra do Contestado. Curitiba: UnC, 1995.

<sup>22</sup> CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **Os Errantes do Novo Século**. São Paulo: Duas Cidades. 1974.

Machado<sup>23</sup>. Foi através desses principais autores e juntamente com as fontes que conseguimos analisar a trajetória das *virgens* e principalmente de Maria Rosa.

Este trabalho está dividido em dois capítulos para melhor entendimento do leitor. Desta forma no primeiro capítulo resumiremos o que foi a Guerra do Contestado começando com a o a origem do povo que habita a região do planato catarinense.

Trataremos a questão de limites entre os estados do Paraná e Santa Catarina e como isso contribuiu para o acirramento da guerra e para entendermos que a Guerra do Contestado e a questão contestado são definições diferentes.

Entroduziremos o leitor ao conhecimento do monge João Maria, antecessor da guerra e suas contribuições para a formação do pensamento caboclo.

Abordaremos a contrução da estrada de ferro São Paulo- Rio Grande e a serralheria da mesma empresa que foi de suma importância para o desencadimento da guerra. Qual a origem da empresa, quem fazia a sua administração, seu modo de extração e exploração.

Apresentaremos José Maria e analisaremos como ele guiou o povo. O surgimento do primeiro reduto de Taquaruçú e como culminou o ataque a mesma. A recontrução, um ano depois, da segunda Taquaruçu e o aparecimento da primeira *virgem*, Teodora. Qual foi seu legado dentro de Taquaruçu e quanto tempo isso durou. O segundo ataque a Taquaruçu e ai, o surgimento da segunda *virgem* Chica Pelega. A troca de reduto para Caraguatá, a vida nesse reduto e o surgimento da terceira *virgem* Maria Rosa. A mudança de reduto para Santa Maria e ascensão de Adeodato, conhecido como o último jagunço, e vitória na guerra do contestado por parte das forças do governo.

No segundo capítulo trataremos somente de Maria Rosa. Quem era a sua família, como e quando ela começou a ter sus primeiras visões. Como ela chega ao reduto de Carguatá, como foi a sua ascensão a comandante do reduto. Qual era seu papel lá dentro, suas ordens e estratégia de combate. Quando ela

---

<sup>23</sup> MACHADO, Paulo Pinheiro. **Um estudo dobre as origens sociais e a formação política das lideranças sertanejas do Contestado, 1912-1916**. Campinas. São Paulo, 2001.

começa a perder o *aço*, e conseqüentemente seu poder dentro do reduto. Qual é a sua trajetória após decesso, e o desfecho de sua história.

## **2 . A Guerra Cabocla do Contestado**

### **2.1- Origens, motivos e fases.**

No ano de 1912 surge na região região contestada, um conflito que mais tarde ficaria conhecido como Guerra do Contestado. E esta, acontece por um acúmulo de problemas.

A área do contestado era habitada por sertanejos caboclos (mestiço ou de cor, e pobre) <sup>24</sup>, com suas raízes étnicas luso-brasileiras e mescla destas com a índia, negra, e seus descendentes. Podemos resumidamente dizer que essa população cabocla se define a partir de uma mistura de nacionalidades e de migração. Delmir José Valentini destaca quatro importantes frentes de ocupação que gestaram os caboclos que mais tarde combateriam no Contestado<sup>25</sup>.

Primeira frente de ocupação é a fundação de Lages, no século XVIII, por Antônio Corrêa Pinto, que procurando conciliar o objetivo da metrópole com seus interesses particulares, fundou-a. E esse objetivo era o aproveitamento dos campos para a criação de gado. Seus antigos moradores eram estancieiros empobrecidos de origem paulista e portuguesa, antigos peões e índios escravos que viviam ali fugidos, antigos camaradas das tropas de burros que ficaram pelo caminho.

A segunda frente de ocupação são as imigrações: as vindas dos colonos principalmente europeus, no início do século XIX, que passaram a povoar áreas de colonização, mas que mais tarde acabam se espalhando.

A terceira frente de ocupação são dos elementos que podemos dizer vindos do Rio Grande do Sul, estes vieram povoar a região do contestado a partir de dois

---

<sup>24</sup> MACHADO. Paulo Pinheiro. **Um estudo sobre as origens sociais e a formação política das lideranças sertanejas do Contestado, 1912-1916**. Campinas, 2001. Pág. 26.

<sup>25</sup> VALENTINI, Demir José. **Da cidade Santa á corte celeste: memórias de sertanejos e a guerra do contestado**. Caçador: Universidade do Contestado. 2000. Pag.:30

momentos marcantes da história sulista: Guerra dos Farrapos (1835-1845) e a Revolução Federalista (1893-1895).

Podemos utilizar ainda uma quarta frente de ocupação mencionado por Valentini, que é a ocupação de Guarapuava também no século XVIII.

É a mistura dessas pessoas que dão origens as caboclos que lutaram no contestado.

Em 1808, o engenheiro norte americano Achilles Stengel, montou acampamento em Calmon, em plena zona contestada para iniciar a segunda etapa da construção da estrada de ferro. A construção já havia iniciado a dois anos antes, em São Paulo, chegando agora em União da Vitória. Muitos caboclos da região foram utilizados na mão de obra e acabaram sendo descartados quando finda a construção da estrada de ferro São Paulo-Rio Grande, empresa pertencente a Percival Farquhar, com sede em Portland, Maine, Estados Unidos: a Brazil Railway.<sup>26</sup>

**Figura 1 – Funcionários da *Lumber*, em Tres Barras/ SC**

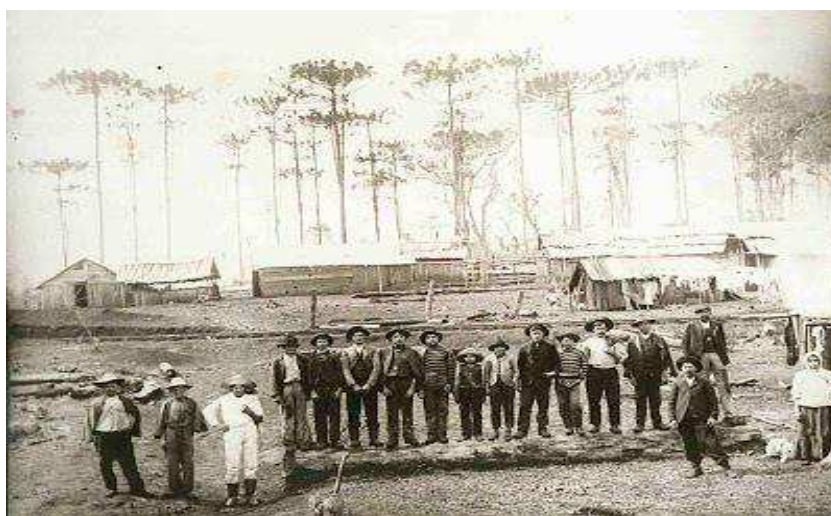


Foto retirada de Heranças e Lideranças do Contestado. **Revista História Catarina**. Ano IV. Nº 18 – Abril de 2010. Pág. 34.

A estrada de ferro ligava dois pontos do Brasil: São Paulo e Rio Grande do Sul, e foi construída para escoar a produção do sul para o resto do Brasil, e ligar geograficamente e economicamente o país.

---

<sup>26</sup> Para maiores esclarecimentos ver: QUEIROS, Maurício Vinhas de. **Messianismo e conflito social**. São Paulo, Editora: Ática, 1977.

Outro problema que agravou a situação dos caboclos, foi o fato de terem sido despejados de suas terras. A Brazil Railway obteve do governo, como forma de remuneração pelos serviços prestados, o equivalente a 15 mil metros de terras, em cada margem da estrada de ferro, expulsando os caboclos da região das terras devolutas<sup>27</sup>.

“O caboclo da região, valente embora humilde, foi ainda vítima de mais uma injustiça. Sobre o Vale do Rio do Peixe, em suas terras devolutas, instalara, aqui e além, o seu rancho, a sua pequena roça. Vivia rudimentarmente, esquecido no meio do mato. Lembraram-se dele, entretanto, para expulsá-lo das terras que ocupara. A concessão feita à São Paulo-Rio Grande, de quinze quilômetros de cada lado da linha, desalojou os intrusos, posseiros de muitos anos, das terras marginais.” (CABRAL, 1937: 384-5)

Isso mostra o quanto o governo federal e dos estados, do Paraná e de Santa Catarina, facilitavam e até protegiam as empresas estrangeiras a dominar grande parte do território brasileiro, expulsando até mesmo brasileiros natos. Claro que os coronéis do interior também se beneficiavam dessa política, praticando o que ficou conhecido por *bendengós*.<sup>28</sup>

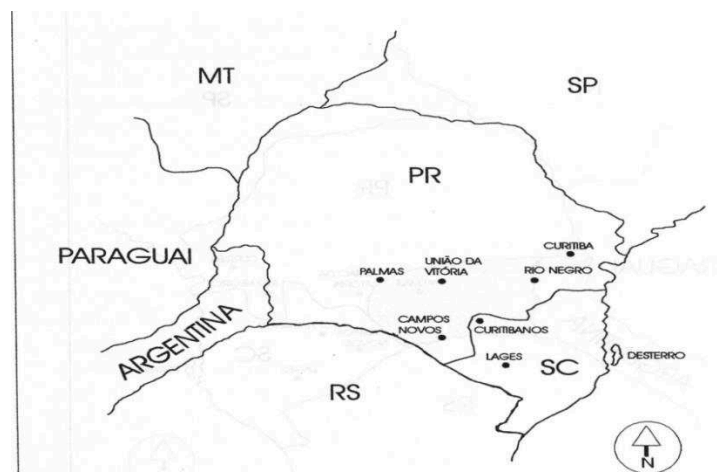
Ao fim disso tudo, sobram pessoas e faltam moradas. Ficam a margem da sociedade os miseráveis, vagando por todo o território tanto catarinense quanto paranaense. Como poderemos ver no mapa a seguir, os estados de Santa Catarina e Paraná ainda não estavam totalmente demarcados. No início do século XX essa questão de limites, se agrava.

**Figura 2 - Mapa mostrando a divisão dos estados de Paraná e Santa Catarina conforme o decreto de 1865.**

---

<sup>27</sup> Terras devolutas são terras públicas sem destinação pelo Poder Público e que em nenhum momento integraram o patrimônio de um particular, ainda que estejam irregularmente sob sua posse. O termo "devoluta" relaciona-se ao conceito de terra devolvida ou a ser devolvida ao Estado.

<sup>28</sup> Bendengós eram grandes propriedades adquiridas pelos coronéis por preços irrisórios aos governos estaduais, e, que depois de expulsarem os posseiros, à vendiam ou esperavam o momento propício para fazê-lo.



Mapa retirado da tese de doutorado: MACHADO, Paulo Pinheiro. Um **estudo sobre as origens sociais e a formação política das lideranças sertanejas do Contestado, 1912-1916**. Campinas, 2001. Pág. 374

Depois de várias decisões fracassadas, Santa Catarina move uma ação contra o Paraná, para que este fosse obrigado a respeitar os limites considerados legais e restituir os territórios considerados catarinenses. O Paraná por sua vez, através de seus advogados colocaram embargos e conseguiram conter a execução da sentença. Isso fez com que os ânimos dos governos, dos dois estados, ficassem agitados.

Para acirrar ainda mais os ânimos, as duas principais empresas extrativistas de erva-mate, que era à base da economia na região naquela época, ficavam nesse limite de estados; uma cuja base ficava em União da Vitória (Paraná) e a outra base em Canoinhas (Santa Catarina). Os catarinenses queriam chegar às margens do rio Iguaçu e dominar União da Vitória e os paranaenses almejavam Vila Nova do Timbó.

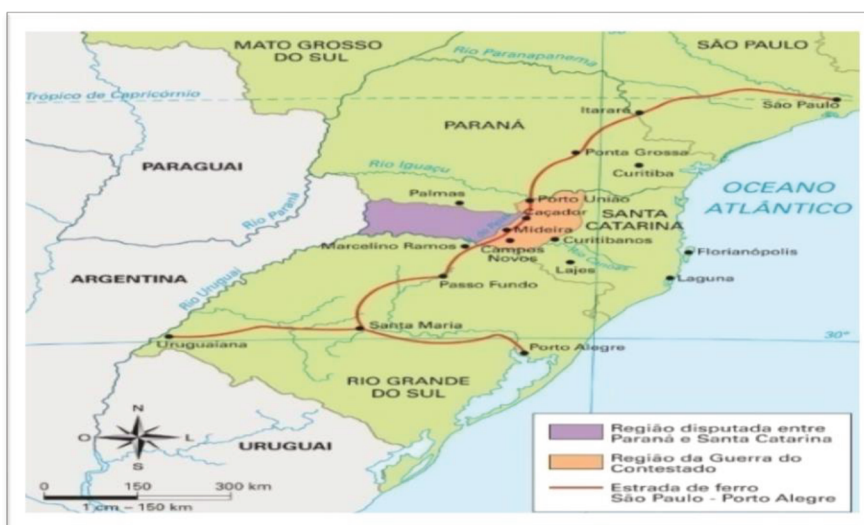
Tanto Santa Catarina, na figura do maragato Demétrio Ramos, que recebia do governo catarinense recursos de toda a ordem, quanto o Paraná começaram a armar paisanos para reforçar as fileiras da sua força pública.

A questão de limites fez com que os dois estados ficassem em polvorosa e que a população se familiarizasse com o manejo de armas e técnicas militares. Maurício Vinhas de Queiroz menciona que: *“Eles eram recrutados e dispensados, armados e*

*desarmados nos bandos rivais. Mas sempre aprendiam algo que mais tarde souberam aproveitar para outros fins*".<sup>29</sup>

Essa questão de limites ficou tão delicada que Oswaldo Rodrigues Cabral chega a comparar esse período com o período histórico da Guerra Fria<sup>30</sup> (período de disputas estratégicas e conflitos indiretos entre URSS e os EUA do final da segunda guerra mundial e o início de 1990) nos dois Estados.

**Figura 3 – mapa da estrada de ferro São Paulo – Rio Grande do Sul.**



Mapa dos três estados do sul do Brasil: Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. O mapa mostra a estrada de ferro São Paulo - Rio Grande (linha vermelha), a região disputada entre os estados PR e SC (em roxo) e a região onde ocorre a Guerra do Contestado (em laranja).

Podemos dizer que a Guerra do Contestado tem duas fases e é nessa primeira fase, que surge o monge José Maria.

José Maria era um curandeiro profissional. Aparece em Taquaruçu dizendo ser irmão de outro profeta bem conhecido por essa gente: João Maria.<sup>31</sup> Mas José Maria nunca se apresentou como irmão de João Maria, esta é a versão de seus inimigos, que foi propagada pelo Cabral e pela Maria Isaura, a biografia mais atualizada de José Maria, corrige esse fato.

---

<sup>29</sup> QUEIROZ, Maurício Vinhas de. **Messianismo e conflito social. A guerra sertaneja do contestado 1912-1916.** São Paulo, Ática, 1977. Pg. 69

<sup>30</sup> CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **A campanha do contestado.** Florianópolis, Lunardelli, 1979. Pág. 201.

<sup>31</sup> Para mais informações sobre João Maria ler: FACHEL, José Fraga. **Monge João Maria: recusa dos excluídos.** Porto Alegre; Florianópolis, editora da UFRGS; UFSC, 1995. E também KARSBURG, Alexandre de Oliveira, **O Eremita das Américas.** Santa Maria: Ed. UFSM



Como já mencionado anteriormente, os caboclos do Contestado eram pessoas simples e humildes. Não tinham a assistência do Estado e nem da igreja. Isso propicia a introdução de “monges”. Nilson Thomé define monge como aquele que tem a vida austera, monásticos de grutas, que viviam solitariamente, afastados do convívio social.<sup>32</sup> Estes tinham o conhecimento das ervas e da cura por oração. Viviam isolados, não utilizavam nada além do necessário, davam penitências, moravam em cavernas e rejeitava tudo o que era mundano. A assistência médica e espiritual, que se esperava do Estado e da igreja não chegava a esses lugares ermo, e é aí que entra o papel do monge. Douglas Teixeira Monteiro sintetiza muito bem essa visão e importância dos monges para os caboclos:

“Em contraste com o padre – porta – voz de uma instituição estranha- que saindo de sua sede paroquial, situada numa vila ou cidade, também percorria o sertão, o”monge” vivia no sertão. (...) ao contrário do padre, porém,esses estranhos se deixavam assimilar. Conquanto vivessem uma vida apartada e cultivassem hábitos mais ou menos ascéticos, passavam a fazer parte integrante da vida social sertaneja, como se fossem uma florescência natural da região católica rústica. Representava o monge um papel equivalente ao do padre, mas estava a serviço era a expressão da autonomia do mundo religioso rústico.”<sup>33</sup>

Mas José Maria era diferente. Seu nome de batismo era Miguel Lucena Boaventura, e ninguém sabe ao certo onde nasceu, nem a qual Estado pertencia, e o mais curioso é que ninguém se importava com isso. Sua aparição antecede em quatro anos a Guerra do Contestado. Vários autores dizem que José Maria (irei me referir a ele como ficou conhecido) pertenceu às fileiras do Regimento de segurança do Paraná, aonde chegou a ser cabo, antes de desertar<sup>34</sup>. No jornal da época, o Palmense, do município de Palmas relata que:

*José Maria andou fazendo orações pelas casas e curando enfermos nos arredores da vila. Por essa ocasião raptou da casa de seus pais*

---

<sup>32</sup> THOMÉ, Nilson. **Os iluminados: personagens e manifestações místicas e messiânicas no contestado**. Florianópolis: insular. 1999. Pág.: 21.

<sup>33</sup> MONTEIRO, Douglas Teixeira. **Os errantes do novo século: um estudo sobre o surto milenarista do Contestado**. São Paulo, Duas Cidades, 1974. Pág. 81

<sup>34</sup> Esse fato não consta nos arquivos da milícia estadual, ao contrário, aparece como soldado do Exército e se alistou em um batalhão rodoviário, encarregado de construir a estrada Guarapuava-Foz do Iguaçu. Foi daí que desertou.

*uma mocinha, lavando-a pelos sertões, como companheira de sua santa missão* <sup>35</sup>.

Maria Isaura Pereira de Queiroz firma que José Maria “recebera a ordem divina de dormir com duas meninas de 10 e 11 anos.”<sup>36</sup>

Todas essas falas foram uma maneira de seus inimigos denegrarem e menosprezarem a sua campanha. Essas falas foram replicadas também por aqueles que viveram nos redutos: *Conta-se mesmo que, da sua fama, que logo adquiriu, procurara tirar lucro e que das suas crentes, quando eram bonitas, fazia sua companheiras*.”<sup>37</sup> Por conta de seus dons de cura através das ervas ficou conhecido por *doutor dos tamancos*<sup>38</sup>, e adquiriu renome após ter curado a mulher do fazendeiro Francisco de Almeida, desenganada pelos médicos.

Assim, em algum dia de Junho de 1912, um grupo de festeiros da festa de Bom Jesus proveniente de Curitiba, Manuel Alves Assunção Rocha e Euzébio Ferreira dos Santos resolveram chamar José Maria, que na ocasião estava em Campos novos, para participar dos festejos que aconteceria em seis de agosto do mesmo ano, em Taquaruçu<sup>39</sup>( nesta época Taquaruçu pertencia a Curitiba). Outros moradores importantes também participariam: Praxedes Gomes Damasceno e Chico Ventura. A presença de José Maria atraiu centenas de pessoas para o arraial, Maurício Vinhas de Queiroz menciona que foi em torno de 300 pessoas, entre homens, mulheres, e crianças<sup>40</sup>. E mais:

Entre os que se agruparam em torno do Monge estava boa parte daqueles que, expulsos das terras, haviam ficado sem domicílio certo, sem fontes de trabalho e de renda, resultado da concessão feita à São Paulo-Rio Grande, fato também já narrado anteriormente<sup>41</sup>.

---

<sup>35</sup> Jornal “O Palmense”. Palmas. 15-11-1911.

<sup>36</sup> QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **Messianismo no Brasil e no mundo**. USP. 1965. Pág. 417.

<sup>37</sup> CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **Os Errantes do Novo Século**. SP: Duas Cidades. 1974. Pág. 180

<sup>38</sup> Era conhecido assim pela maneira que se vestia. Usava tamanco com meia grossa que prendiam a boca da calça. Ostentava um chapéu de jaguatirica igual ao João Maria, tinha dentes escuros pelo uso do cachimbo.

<sup>39</sup> Taquaruçu era o nome dado a atual Fraiburgo.

<sup>40</sup> QUEIROZ, Maurício Vinhas de. **Messianismo e conflito social**. São Paulo, Editora: Ática, 1977. Pág.: 84.

<sup>41</sup> CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **A Campanha do Contestado**. Florianópolis, Lunardelli, 1979. Pág.181

Por causa da presença de José Maria, a festa se estende mais do que os dias combinados. O arraial não é desmontado, muito ao contrário, o número de barracas cresce cada vez mais:

Além dos tradicionais habitantes das comunidades mais próximas, havia a presença de muitos sertanejos expulsos pela Lumber e pela Brazil Railway, tanto da costa do rio do Peixe, como da região do Iguaçu. Era gente que não tinha mais para onde voltar. Neste ajuntamento, muitos esperavam pelo retomo de João Maria.<sup>42</sup>

Com aglomeração cada vez maior de pobres, errantes e doentes no arraial de Taquaruçu, o prefeito de Curitiba (Superintendente Municipal era como se falava na época), Cel. Francisco Ferreira de Albuquerque, chamou José Maria para uma conversa, para saber quais as suas intenções com aquelas pessoas. Havia certo receio das pessoas por aglomerações, temendo futuras perturbações da ordem, haja vista que tinha terminado a pouco a Revolução Federalista. Mas além dessa versão, há outras: de que na verdade Cel. Henrique Almeida era rival político de Cel. Albuquerque. O primeiro então, Cel. Henrique Almeida teria deixado José Maria ficar em sua propriedade para ter mais prestígio com a população cabocla. Uma outra versão conta que:

O monge teria prometido a presença de Albuquerque, para atender ao seu chamado e ver o doente; o Prefeito preparara mesmo uma recepção a José Maria; mas este, aconselhado por Almeida, à hora de resgatar o compromisso, a ele se furtou.<sup>43</sup>

Consta que a resposta de José Maria ao Cel. Albuquerque foi de que a distância entre os dois era a mesma, e que se ele quisesse ter essa conversa poderia vir tê-la.

Sua resposta foi vista como um insulto, uma insubordinação, aumentando a ira do Cel. Albuquerque. Esse por sua vez telegrafa ao governador do estado de Santa Catarina, pedindo a intervenção do Regimento de segurança para dispensar os fanáticos que haviam proclamado a monarquia nos sertões de Taquaruçu. Para a legitimação do seu pedido, o Cel. Albuquerque menciona em seu telegrama a intenção da manutenção da monarquia por parte de João Maria.

---

<sup>42</sup>MACHADO, Paulo Pinheiro. Um **estudo sobre as origens sociais e a formação política das lideranças sertanejas do Contestado, 1912-1916**. Campinas, 2001.

<sup>43</sup> CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **A campanha do Contestado**. Florianópolis, Lunardelli. 1979. Pág. 182

Para o governo do Estado, o fato de ajuntamento de pobres sertanejos insubordinados a autoridades locais, já era digno de represaria. O Regimento de segurança envia então um contingente de 30 homens. Mas quando chegam a Curitiba, deparam com a intenção de José Maria de retirar-se do município por espontânea vontade. Este se retira para evitar uma luta sem razão, visto que ele não sabia nem o porquê da perseguição. Então, abandona Taquaruçu, em setembro de 1912, rumo aos Campos de Irani, onde contava com o apoio de amigos influentes na região. Aproximadamente 40 homens e mulheres acompanharam José Maria nessa transição, entre eles Praxedes e Chico Ventura. Nesse lugar teria continuado a receber gentes, adeptos, curando e rezando, mas em meia a suas falas ia recriminando o Governo por tê-los expulsos. Nesse momento os caboclos já começam a se armar, para se protegerem de uma nova expulsão, de forma rudimentar, com facões feitos de madeira.

O governo paranaense é avisado pelo chefe de polícia catarinense, sobre a migração de José Maria e seu grupo. Porém o governo paranaense passa a acreditar que os catarinenses enxotaram de propósito o grupo de José Maria para Irani, pois nessa época Irani era distrito de Palmas (PR), região de muita tensão por disputas de terra. Achavam então, isso ser uma forma de obrigar a execução da sentença de limites territoriais, a favor de Santa Catarina:

Em verdade, o Paraná não preparou então a sua Força Policial para reprimir um bando de fanáticos religiosos, mas, a vista das notícias que correram, preparou-a para dispersar um bando armado de catarinenses, que invadira o seu território para provocar um desfecho à secular questão de limites.<sup>44</sup>

Por isso a execução dos discípulos de José Maria era questão de honra por parte do regimento de segurança do Paraná.

Sob o comando do Cel. João Gualberto Gomes de Sá Filho e acompanhado pelo chefe de polícia do Paraná, desembarcam em Porto União, em uma noite chuvosa do

---

<sup>44</sup> CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **A Campanha do Contestado**. Florianópolis, Lunardelli, 1979. Pág.183.

dia 12 de outubro de 1912. 64 homens que rumaram diretamente para Irani.<sup>45</sup> 10 dias depois, dia 22 do mesmo mês, João Gualberto e José Maria se encontram.

Após uma mediação entre o governo do Paraná e José Maria, este disse que precisava de pelo menos três dias para acabar com o acampamento de Irani e realocar as famílias para outras regiões. O Cel. João Gualberto quando soube da decisão resolve atacar o povoado de Irani. Demerval Peixoto conta que, os caboclos estavam rezando na hora do ataque, não contavam com a luta, e nem tão pouco a desejavam. Queriam sair pacificamente, tanto que no início os sertanejos não oferecem resistência e nem revidam o ataque. Mas repentinamente mudam de estratégia e atacam também, com os facões de madeira, foice e machado, gritavam os nomes de José e João Maria conduzidos pelos *Pares de França*<sup>46</sup> (CABRAL. 1979: 185)

José Maria tinha garantido aos seus seguidores que podiam investir sem medo, pois as armas dos soldados caíam por terra. Acontece que a metralhadora levada pelos soldados, realmente cai no barro e para de funcionar.

Mas José Maria é ferido e morto no combate, e junto com ele, morre também o Cel. João Gualberto:

Na madrugada de 22 de outubro de 1912 a força paranaense foi destroçada na entrada do banhado que dá acesso ao faxinal do Irani. Estima-se que mais de 200 sertanejos combateram ao lado de José Maria, tendo participado do combate os 40 homens que seguiram o monge desde Taquaruçu, o pessoal do Irani, amigos, familiares.<sup>47</sup>

A polícia paranaense recebeu a notícia de que o combate em Irani foi um desastre. Eles achavam que mesmo que o combate tivesse levado a vida de seu comandante, com a morte de José Maria, seus seguidores iriam se dispersar. Mas estavam enganados.

Repercutiu por toda a população cabocla o combate em Irani, e principalmente a morte de João Maria. Sua morte foi vista como um ato de extremo heroísmo. E de outubro de 1912 a outubro de 1913 há uma forte reelaboração mística. Acreditavam que João Maria retornaria a vida junto os caboclos que morreram em combate,

---

<sup>45</sup> MACHADO, Paulo Pinheiro. **Um estudo sobre as origens sociais e a formação política das lideranças sertanejas do Contestado, 1912-1916**. Campinas. São Paulo, 2001.

<sup>46</sup> Os escritores mais antigos da Guerra do Contestado trazem informações que hoje se sabe, são equivocadas, como é o caso dos Pares de França mencionado aqui. Eles só foram criados no segundo Taquaruçu.

<sup>47</sup> MACHADO, Paulo Pinheiro. **Um estudo sobre as origens sociais e a formação política das lideranças sertanejas do Contestado, 1912-1916**. Campinas. São Paulo, 2001. Pág.: 182.

formando exército encantado de São Sebastião<sup>48</sup>, quando o combate de Irani completasse um ano. Muitos sertanejos começam a dizer que pouco antes da sua morte ele já havia profetizado a sua “passagem”. Suas curas passam a ser mais milagrosas e sua identificação com o primeiro monge, João Maria aumenta. Torna-se para aquelas pessoas, santo.

A revolta do Irani armou o grupo, que até então estava desarmado, e, em cada combate, o material bélico dos soldados era pego pelos caboclos.

Dispensados no Irani, os remanescentes de José Maria, voltam para a margem esquerda do rio do Peixe, buscando novamente o território catarinense, mas agora se refugiando nos município de Campos Novos.

Expedições são enviadas para observar o grupo, e também para fazer a guarda de municípios como Curitibanos e Lajes. Mas não havendo nenhum sinal de revolta por parte dos caboclos, as forças policia e o exército, regressam para os quartéis.

Um ano depois do fatídico dia, Euzébio Ferreira dos Santos que acreditava na ressurreição de José Maria e sua esposa Querubina, abandonam a sua casa e seus afazeres e partem para Taquaruçu, após sua neta, Teodora dizer ter visto o monge José Maria e que este teria lhe falado. Teodora tinha idade entre 11 e 12 anos, órfã de mãe e criada pelos avôs Euzébio e Querubina. Disse aos seus que viu José Maria e mais três homens em um galpão. Todos que ouviram foram rezando até o tal galpão. Chegando lá avistam, ao entardecer uma luz que subia aos céus.

**Figura 4 - Foto da *virgem* Teodora (1954)**



Foto retirada de : QUEIROZ, Maurício Vinhas de. **Messianismo e conflito social**. São Paulo, Editora: Ática, 1977. Pág. 317

---

<sup>48</sup> O santo São Sebastião não foi escolhido a esmo. Santo guerreiro, protetor dos homens contra a fome e a peste, não era apenas considerado o padroeiro do sertão em geral, mas também em particular o padroeiro de Perdizes Grandes, torno do qual viviam tantos seguidores do monge.

Teodora então pede que todos parem de rezar se não o santo se retirava. Disse também que somente ela poderia ver o monge, e que para isso pudesse acontecer, seria melhor que ninguém tivesse presente.

Espalha-se a notícia, e começa uma peregrinação dos curiosos, novos e antigos adeptos:

Começaram os milagres: quando alguém se declarava doente, a menina dirigia-se ao mato e regressava trazendo uma xícara cheia de sangue, o qual seria o próprio sangue sagrado de José Maria, tirado por ele mesmo, com uma faca de sua perna.<sup>49</sup>

Neste lugar começou um novo ajuntamento de caboclos.

Em Taquaruçu, a família torna-se elevada socialmente, os filhos tornam-se chefes, a neta, a vidente e Eusébio tornam-se santos. Agora, o combate ganha ares de guerra pelos caboclos: a guerra de São Sebastião estava instaurada.<sup>50</sup> Aparece também o “comunismo caboclo”, quando as pessoas que vão para os redutos usufruem tudo o que existe lá. Não existem propriedades, tudo é de todos, mesmo que não tivesse contribuído com nada.

Havia um clima de festividade. Vinham com um claro propósito de fundar a “cidade santa”. Existia um sentimento de ruptura com os coronéis, um sentimento de liberdade. Uma comunidade que viveria conforme suas próprias leis e segundo os preceitos de João Maria, que todos lembravam, e de José Maria que seria transmitido pela menina Teodora.

“Teodora não chegou á completar duas semanas como vidente/comandante do reduto, houve uma crescente descrença em suas visões e ela mesma parecia ter se assustado com sua própria representação.”<sup>51</sup>

Nessa segunda fase da guerra do contentado, a segunda Taquaruçu (que dura de dezembro de 1913 a fevereiro de 1914), há uma troca muito grande de

---

<sup>49</sup> QUEIROZ, Maurício Vinhas de. **Messianismo e conflito social**. São Paulo, Editora: Ática, 1977. Pág.112.

<sup>50</sup> CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **Os Errantes do Novo Século**. SP: Duas Cidades. 1974. Pág. 220.

<sup>51</sup> MACHADO, Paulo Pinheiro. **Um estudo sobre as origens sociais e a formação política das lideranças sertanejas do Contestado, 1912-1916**. Campinas. São Paulo, 2001. Pág.: 198

comandantes, mas todos eles são indicados ou mesmo colocados por Euzébio e sua família.

Após a virgem Teodora, quem passa a dirigir Taquaruçu é Manuel, filho de Euzébio e Querubina, portanto tio de Teodora. Sua mãe teve peso na sua escolha como intermediário entre José Maria aos demais. Ele foi nomeado “Menino-Deus”.

Com as notícias de um novo ataque por conta do exército paranaense, houve a necessidade de armar a população e criar os “Pares de França.”<sup>52</sup>

Manuel, filho de Euzébio eram um jovem de dezoito anos, apresenta-se então como vidente. Era descrito como meio bobo meio louco. Dizia que pouco antes de morrer José Maria lhe teria dito “*você é meu sucessor; fique rezando até a minha volta.*”<sup>53</sup>

Uma das primeiras de suas visões de Manoel é que, seu pai Eusébio, deveria convocar pessoas para a guerra de São Sebastião. A partir desse momento passa a ser considerado um Deus.

Manuel passa a encontrar-se com José Maria regularmente no interior da floresta. O prestígio de Manuel cai a hora em que declara que José Maria teria lhe dito para dormir com duas “virgens”. Foi surrado por seu sobrinho Joaquim, que se torna o novo “menino-deus”. Manuel nunca mais foi visto no reduto. O reduto estava mergulhado em pleno rigor moral. No reduto de Santa Maria por exemplo, as “formas<sup>54</sup>” eram separados os sexos<sup>55</sup>. Para os caboclos essa fato revelava a fraude de Manuel. Querubina, sua mãe, também teria sido surrada com martelo, por ter apontado Manuel como vidente. Após a surra ficou sendo considerada santa.

Joaquim também era neto de Euzébio e tinha onze anos de idade. Mesmo assim foi ele que estava no comando quando houve o segundo ataque a Taquaruçu em 29 de dezembro de 1913. Três colunas do regimento de segurança de Santa Catarina (saindo de Curitiba, Caçador e Campos Novos) atacaram o reduto e tinham ordens de liquidarem o local. Agora quem chefiava o ataque era o Secretário

---

<sup>52</sup> Os Pares de França era a reunião dos combatentes mais fervorosos e mais preparados para o confronto militar. Era a guarda de honra que aguardava o retorno de José Maria. Também carregavam “orações fortes” em patuás amarrados ao pescoço, prática que se generalizou por todos os combatentes. Era uma forma de “fechar o corpo.”

<sup>53</sup> Jornal “Diário da Tarde”. Curitiba. 15-12-1913.

<sup>54</sup> As formas eram rezas que aconteciam de duas a três vezes por dia, através de um ritual. Era um momento de forte exaltação mística.

<sup>55</sup> Depoimento de D. Virgília, colhido por Duglas Teixeira Monteiro em **Os Errantes do Novo Século**. SP: Duas Cidades. 1974. Pág:245.



Geral do Governo de Santa Catarina, Gustavo Lebon Régis. E mais uma vez, as tropas do governo não conseguiram seu objetivo.

O fracasso das forças oficiais, ocorrido muito mais devido a desorganização, medo e despreparo da tropa, do que por mérito próprio dos sertanejos (havia apenas 9 caboclos armados na guarda que resistiu à investida), ajudou a consolidar uma aura de santificação e invencibilidade dos “pelados”, o que funcionou como um poderoso trunfo político, atraindo outros indivíduos descontentes com a ordem vigente.<sup>56</sup>

Nessa nova disputa, Euzébio é ferido na perna e passa um bom tempo na cama se recuperando, e aos poucos vai perdendo a liderança do reduto.

Em janeiro de 1914, Joaquim o “menino-deus”, ordena a mudança de Taquaruçu, pois, segundo ele, se houvesse mais uma investida, ninguém se salvaria. Então Euzébio e Chico Ventura dirigem a migração de grande parte das pessoas para o norte, Caraguatá. Para a construção de Caraguatá foram muitos homens, deixando em Taquaruçu as mulheres e crianças. Em 8 de fevereiro de 1914 há um grande ataque no reduto desprotegido. Mais de 200 casas e uma igreja foram destruídas.

*“Consta que uma sertaneja proveniente da costa da linha, Francisca Roberta, também conhecida como Chica Pelega, morreu comandando a defesa da “Cidade Santa” de Taquaruçu.”<sup>57</sup>*

Conta a história que os pais de Chica Pelega haviam sido peões em uma fazenda no Rio Grande do Sul, vieram para Santa Catarina e se estabeleceram em Joaçaba, onde o pai de Chica teria sido assassinado pelo corpo de segurança da *Lumber*.

A mãe de Chica D. Chiquinha temendo pelas duas, fugiram junto com os outros ex-trabalhadores da Estrada de Ferro, e por não ter pra onde ir, e após grande sacrifício, acabam no reduto de Taquaruçu.

Chica Pelega também é admirada no reduto, e após o primeiro ataque a Taquaruçu passa a ser considerada heroína na memória de muitos sertanejos.

Coração compassivo e generoso, logo ao chegar em Taquaruçu, atraiu todas as simpatias, principalmente das crianças e dos enfermos. Assim de imediato chamou a atenção de José Maria, indo aos poucos tornando-se

---

<sup>56</sup> MACHADO, Paulo Pinheiro. **Um estudo sobre as origens sociais e a formação política das lideranças sertanejas do Contestado, 1912-1916**. Campinas. São Paulo, 2001. Pág.:

<sup>57</sup> PINHEIRO MACHADO. Op. Cit., 225.

indispensável auxiliar de enfermagem. Em breve aprendeu lidar com chás, infusões, o conhecimento e o trato com as ervas medicinais.<sup>58</sup>

Já no primeiro ataque em Taquaruçu em 1912, Chica Pelega toma frente no combate. Montada em seu cavalo, trazia consigo uma bandeira branca de cruz verde ao centro, suscitando a todos ânimo e coragem. Com a retirada das forças e vitória dos sertanejos a euforia foi grande!

Mais tarde, quando há a transferência do reduto de Taquaruçu para Caraguatá, ficam no primeiro reduto, mulheres e crianças em sua grande maioria. Chica também permaneceu ali para ajudar a atendê-los. Ninguém imagina que as forças oficiais fossem atacar enquanto o reduto estivesse desguarnecido. Mas em 8 de fevereiro de 1914, acontece o inesperado.

Durante o dia, os canhões lançaram sobre o reduto 175 tiros de granadas explosivas, tipo *shrapnell*. Os homens do reduto correram para as trincheiras cavadas aquém das casas, mas não podiam pôr a cabeça para fora sem que fossem alvejados pelas metralhadoras. Os obuses destruíam e incendiavam as casas de madeira, matando as crianças e mulheres que lá se encontravam.<sup>59</sup>

Os oficiais militares hesitaram a atacar o reduto. Eles não viam os sertanejos como inimigos, mas como pessoas usadas pelos políticos locais. Destruíram uma igreja ali contruída. Por conta do intenso bombardeio, a igreja queima e desmorona matando quem estava dentro. O cenário era de completo terror:

A vista era de arrepiar-conclui Joaquim Rosa.-Restos de gente se espalhavam por tudo. Do Quadro Santo não sobrou nada. A cachorrada dos vizinhos andava empanzinada de carne de defunto.-Meu compadre Zeca Costanera diz que viu uma velhinha com roupas em trapos, suja de terra ensanguentada, os cabelos chamuscados, vagueando pelo meio da carniça. De repente chegou-se a um grupo de soldados indagando:-E a Chiquinha? Não viram por aí minha filhinha? Todo mundo a conhece. Perdendo os sentidos a coitadinha saiu gritando por um capão de mato a dentro:-Chiquinha, minha filha ....responde!...Chiquinhaaa...<sup>60</sup>

---

<sup>58</sup> Felipe, Euclides José. **O Último Jagunço. O folclore na história da guerra do Contestado Curitibanos**:Universidade do Contestado,1995. Pág:55.

<sup>59</sup> VINHAS DE QUEIROZ Op. Cit., p.131.

<sup>60</sup> FELIPPE. Op. Cit., p.142.

Estava destruída a Cidade Santa. Assim estava finda a vida de Chica Pelega. Dos combatentes da força houve somente um morto e três feridos. Demerval Peixoto também descreve um o fato de haver uma “velha” em meio aos destroços de Taquaruçu.

Em meio dos pedaços humanos, estatelada, olhos esgazeados, indiferente aquele espetáculo horrendo que a cercava, afagando o corpo hirto de um lutador, foi encontrada uma velha. Era uma louca. Nenhum arranhão no corpo da megera horripilante. Cadavérica, a pobre jagunça, era uma múmia em vida.<sup>61</sup>

Acontece que Chica Pelega pode não haver existido realmente. Há poucas informações sobre ela, e ela é pouco citada nos livros. Todas as suas memórias são de pessoas posteriores ao evento do Contestado. Que não viveram a guerra. O fato é que não há indícios da existência verdadeira de Chica Pelega. Os antigos moradores dos redutos, como João Ventura, João Maria Palhano e a filha de Teodora não mencionam sua existência. Uma liderança deste destaque não deixaria de ser notada pelos cronistas militares, como Peixoto, Setembrino e outros. O Euclides Felipe apenas fez o registro de memória, que é móvel e que criou este personagem. De certa forma Chica Pelega representa as mulheres que morreram em Taquaruçu.

Muitos autores, como é o caso de Cabral, tratam como se Caraguatá só tivesse existido após a destruição de Taquaruçu. Mas não é verdade, ela já era conhecida pelos sertanejos. Quando Euzébio, Joaquim e os demais chegam em Caraguatá, já havia um reduto em formação, já estava cheio de gente.

Por conta de tensões ou divergências o prestígio da família de Euzébio começa a cair. Diziam que os sertanejos chegaram desanimados e desnorteados de Taquaruçu, depois de toda aquela tragédia. Euzébio que teria levado um tiro na perna e nunca mais sarou, então, seja por conta da ferida na perna e a dificuldade de mobilidade, ou seja por conta de que em Caraguatá o número de pessoas aumenta muito, há

uma mudança de chefia para as mãos de Maria Rosa na qual conheceremos no segundo capítulo, e também para Elias de Moraes.

Um dos motivos para Maria Rosa deixar o posto de *virgem* e comandante, foi por conta de Chiquinho Alonso.

---

<sup>61</sup> PEIXOTO. Op. Cit., p. 159-160.

Chiquilo Alonso ascende a comandante quando começa no reduto de Caraguatá um disputa interna diretamente relacionada com a perda de prestígio de Maria Rosa. É ele que persegue e é responsável pela morte de Matos Costa: comandante que vai até o Rio de Janeiro para negociar a paz e o fim da guerra com o governo.

O período de seu comando foi assinalado como um periodo de saques e pânico para a população. A cidade de União da Vitória ficou desguarnecida e quase deserta. Seu fim se dá no combate no Rio das Antas, onde com 25 homens, Chiquinho Alonso ataca os colonos e acaba morto. Com sua morte Venuto Baiano passa ao posto de comandante.

Venuto Baiano já fazia parte do reduto de Taquaruçu, mas é em Caraguatá que ocupa o espaço de comando.

Natural da Bahia, como seu apelido indica, mas de origem italiana, Benevenuto Alves de Lima-tal era o nome de batismo-tinha sido marinheiro da esquadra de guerra e, durante a Revolta da Armada,<sup>62</sup> desertou em abril de 1894 em um porto de Santa Catarina.<sup>63</sup>

Em Caraguatá o lema que norteavam as relações entre as pessoas era: *“Quem tem, moi; quem não tem moi também, e no fim todos ficaram iguais”*.<sup>64</sup>

Isso mostra o quanto as pessoas do reduto procuravam viver em harmonia e em comunidade, onde quando um tinha, todos automaticamente também o possuíam, tudo era de consumo geral, todos contribuíam com o que tivesse: dinheiro, gado, lavouras, e quem nada possuísse participava também.

*“Do que um comia, tudo tinha que comer; do que um bebia, tudo tinha que beber; todos eram irmãos”*.<sup>65</sup>

No princípio, em Caraguatá havia fartura, vivia em clima de irmandade, sempre que chegava gente nova no reduto trazia consigo algo novo a ser compartilhado com os demais, muitas pessoas de fora também traziam contribuições para o reduto.

---

<sup>62</sup> A **Revolta Armada** (1891-1894), Ocorrida no Rio de Janeiro foi uma rebelião armada (daí surge seu nome) da marinha do Brasil, os quais bombardearam a capital por meio dos navios de guerra da marinha, os chamados “encouraçados”. O objetivo principal da revolta da armada, consistia em igualar os direitos e salários do exército e da marinha, além disso, os opositores lutavam pelo retorno à monarquia.

<sup>63</sup> VINHAS DE QUEIROZ. Op. Cit., p.135.

<sup>64</sup> Antônio Ferreira dos Santos, Jornal Diário da Tarde (Curitiba) 22/2/1914. Retirado do VINHAS DE QUEIROZ, Op. Cit., p. 142.

<sup>65</sup> Depoimento de Maria. Retirado do VINHAS DE QUEIROS. Op. Cit., p. 142.

Quando faltavam alguma coisa, saiam encarregados para comprar nas cidades e nas estações da estrada de ferro.

*“Comiam churrasco, tomavam chimarrão. Havia arroz e feijão a vontade. Era tempo de milho verde, muita melancia. Os testemunhos são unânimes no sentido de que se predominava a alegria no acampamento”.*<sup>66</sup> Muitos tiveram uma vida melhor ali no reduto do que jamais tiveram fora.

Há um mês, mais ou menos, de intervalo entre a destruição de Taquaruçu e o combate em Caraguatá. Nesse combate Maria Rosa comanda a vitória dos sertanejos. Os caboclos ficam agora mais entusiasmados e se reforçam em todos os sentidos.

Após o combate, e temendo novas investidas por parte das forças o reduto de Caraguatá foi esvaziado no final de março de 1914. O tifo estava dizimando população, e Maria Rosa comandou uma longa marcha de mais ou menos duas mil pessoas, 600 cabeças de gado, mantimentos, etc., para um novo reduto em Bom Sossego. Com o desmanche de Caraguatá surgem dois novos redutos: Bom Sossego e Caçador Grande, também criam inúmeros “redutinhos” nos vales do Timbó, Timbozinho, Tamanduá e Serra da Esperança.

Os constantes ataques oficiais aos primeiros redutos estimularam o desejo dos sertanejos em radicalizar a luta. A partir deste momento é possível identificar uma significativa mudança na postura das lideranças sertanejas. A “monarquia cabocla” deixa de ser um projeto isolado apenas para os devotos e se converte, na prática, em um objetivo revolucionário para modificação de toda a sociedade.<sup>67</sup>

No final de 1914, Adeodato o último chefe rebelde do Contestado, e o novo comandante geral, muda o reduto-mor de Caçador para o Vale de Santa Maria. Dizia que esse lugar era mais estratégico e tinha mais controle das entradas dos desfiladeiros. Achavam que ali era um chão sagrado. Correu pelo planalto que a água do rio Santa Maria era benta, que os que para lá se dirigissem seriam imortais e comeriam em abundância biju e leite<sup>68</sup>. Existiria fartura e não medo.

---

<sup>66</sup> Idem. P. 145.

<sup>67</sup> MACHADO, Paulo Pinheiro. **Um estudo sobre as origens sociais e a formação política das lideranças sertanejas do Contestado, 1912-1916**. Campinas. São Paulo, 2001. Pág.240

<sup>68</sup> PINHEIRO MACHADO. Op. Cit., Pág 306.

Adeodato Manuel Ramos era natural de Cerrito, município de Lages. Com quinze anos de idade se muda para a área de Trombudo com seu pai Manuel Telêmaco, conhecido como Teleme, onde ambos começam a trabalhar como peões. Casou-se muito jovem, durante anos foi tropeiro e ajudava a conduzir as boiadas para Lages e também para Florianópolis. Foi domador e capataz de uma fazenda em Perdizes Grandes. Conheceu muita gente, aprendeu muita coisa nessas viagens. Era hábil no manejo de armas. Assistia de longe o movimento dos caboclos e o combate de Caraguatá. Entrou para o reduto de Bom Sossego através de um amigo Domingues Crespo, na época ainda da virgem Maria Rosa, onde vira rebelde. Não pensava em se tornar comandante. Foi depois que Chiquinho Alonso morre, que Adeodato através de um sonho que teve com José Maria, toma essa decisão.

Durante o seu período como comandante do reduto de Santa Maria, Adeodato não foi muito cordial.

O regime que segundo relato de muitos, era de terror. Adeodato teria matado seu padrinho, Neco Peppe e também teria matado a sua própria esposa Maria Firmina para se casar com Mariazinha, viúva de Chiquinho Alonso, que era a sua comadre:

“Num dia, durante a forma, Leodato parou em frente a própria esposa e brandou desvairado:  
- Maria Firmina...um passo a frente...  
-Que isso, Leodato! Que mal lhe fiz?  
- Mal nenhum. São ordens...respondeu de pronto com uma bala atravessando-lhe o coração”<sup>69</sup>.

O fato de ele ter se casado com sua comadre também foi muito mal visto. Naquela época e para aquela gente, a ligação de compadrio era algo muito forte e muito respeitado,

O “se juntar” com uma “comadre”, mulher de um “compadre”, mesmo que viúva, era sentido como uma transgressão social a que ninguém tinha direito, muito menos o comandante geral, que devia ser um exemplo de correção. A comadre era ligada ao compadre por um laço de parentesco simbólico que era levado muito a sério no planalto catarinense. O amasiamento com Mariquinha tinha o significado de uma relação incestuosa. A figura demoníaca do déspota, se juntava agora a de um bandido que não respeitava normas familiares.<sup>70</sup>

---

<sup>69</sup> FELIPPE. Op. Cit., pág 189

<sup>70</sup> PINHEIRO MACHADO. Op. Cit., 320.

Por causa desses episódios, muitos começaram a demonizar Adeodato e cultar esse fato ao insucesso do movimento.

No seu auge, o reduto de Santa Maria chegou a ter 5.000 casas e 9 quilômetros de estrada, que aos poucos foram ganhando casas, existiam bairros, uma grande praça e foi erguida uma igreja. Adeodato batiza um acampamento que surge de Maria Rosa.<sup>71</sup>

Uma nova epidemia de tifo assolou o reduto. De vinte a trinta mortos eram levados todos os dias para o cemitério. Mas mesmo assim, o reduto crescia cada dia mais. Acredita-se que em janeiro de 1915 havia 10.000 habitantes. Com isso, não existia suprimentos suficientes para toda essa gente. Os gados começaram a ser roubados dos caboclos a mando das autoridades oficiais. E aumentava o certo por parte do comandante Setembrino de Carvalho.

O reduto foi cercado no dia 8 de janeiro. Foram presos cerca de 300 caboclos entre homens e mulheres. Por conta desse cerco, não entravam alimentos e nem munição. A ideia era deixar com que as pessoas nos redutos morressem a mingua, e aqueles que decidissem sair, eram capturados.

**Foto 5 – famílias de caboclos presos em Canoinhas, SC em 1915**



Foto retirada de <http://historiahoje.com/a-guerra-do-contestado-explode-a-revolta-dos-pelados/>.

---

<sup>71</sup> VINHAS DE QUEIROZ. Op. Cit.,211.

Paulino Pereira conta que “*as crianças, quando as vacas eram sangradas, ficavam de vazilha em punho para aparar o sangue.*”<sup>72</sup> Os sertanejos dos redutos ainda existentes iam se entregando em massa. Em um dia mais de mil pessoas se entregam na Vila de Canoinhas, todos loucos de fome e envoltos a farrapos. Crianças morreram de fome. “*Se uma mãe ia andando e não aguentava carregar o filho, este jazia no caminho; quem passava, olhava, até que a criança morria. Crianças morriam atoladas durante as marchas*”<sup>73</sup> comiam broto de xaxim, passáros, vermes, largatas, insetos, sopa com bruacas de couro<sup>74</sup>. Alguns que diziam que tiveram que se alimentar de cavalos e cachorro.

Em 2 de abril de 1915 o reduto de Santa Maria é atacado. Depois de meses de intensos bombardeios, os soldados do gen. Setembrino de Carvalho obtêm êxito. Com o ataque ao reduto de Santa Maria, o gen. Setembrino dá como encerrada a expedição.

Adeodato e outros chefes de combate, como Elias de Moraes e Eliazinho da Serra conseguem fugir para o reduto mais próximo e de difícil acesso, o reduto de São Miguel. Lá a vida era como a de antes: Elias de Moraes continua comandando a forma e Adeodato como comandante geral. Até mesmo a violência de Adeodato continua a mesma. Matando quem bem quisesse.

Alguns meses depois, Adeodato ordena nova mudança de reduto. Agora para a cidade santa de São Pedro, que chega a ter até 4.000 habitantes. Nesse reduto também tinha virgens, duas na verdade: Maria do Carmo e Conceição, que também vestiam branco. Ali, tudo também permanecia igual, tanto no aspecto religioso, quanto na violência de Adeodato. A única coisa que piorava e muito era a fome.

Mesmo que o exército tenha declarado encerrada a expedição conta os caboclos. Ainda havia perseguição por parte dos governos estaduais. Esses com a ajuda de vaqueanos civis, faziam piquetes para a captura dos sertanejos, e estes eram comandados pelo capitão Vieira da Rosa.

Pelo meio do mês de dezembro de 1915, há o ataque ao reduto de São Pedro. Há enorme mortalidade, havia cadáveres de mulheres e crianças, além dos homens

---

<sup>72</sup> VINHAS DE QUEIROZ Op. Cit., 222.

<sup>73</sup> Depoimento MARIA. Retirado de QUEIROZ, Maurício Vinhas de. **Messianismo e conflito social. A guerra sertaneja do contestado 1912-1916.** São Paulo, Ática, 1977. Pág.:242.

<sup>74</sup> MACHADO. Paulo Pinheiro, AXT. Gunter. **O processo de Adeodato, último chefe rebelde do Contestado.** Florianópolis: CEJUR, 2017.



de combate, por todos os lados. Milhares conseguiram fugir pela mata, inclusive Adeodato. Elias de Moraes, manda a sua mulher negociar garantias com o capitão Vieira da Rosa, mas este não deu garantias. Elias acaba sendo morto na floresta por um desconhecido, enquanto tentava fugir.

Adeodato fica meses vagando sozinho pela floresta. Dormia no mato e as vezes conseguia alimento com os moradores. Mas após um dia de geada forte, Adeodato aparece em uma clareira. Tentaram encontra-lo , mas não tiveram sucesso. Foi quando ele cansado e muito sereno se entrega.(VINHAS DE QUEIROZ,1977:231-247)

Ficou preso em Lages, sentenciado a 30 anos de prisão. No Natal de 1916 fuge da cadeia, é capturado e mandando para Florianópolis, onde cumpre a pena até morrer em janeiro de 1923, de circunstâncias pouco esclarecidas. Seu corpo teria sido enterrado em Florianópolis, mas os cemitérios locais não possuem esse registro.<sup>75</sup>

### **3. A guerreira Maria Rosa**

Maria Rosa era uma menina-moça de seus quinze anos. Loira cabelos crespos, tipo portuguesa, um pouco acima da estatura mediana, esbelta, alegre, viva e muito bela. Andava com um vestido branco enfeitado com fitas azuis e verdes, com penas de passaros e andava com um cavalo branco. Filha de Elias de Souza, conhecido como Eliazinho da Serra, grande admirador de João Maria e de José Maria, inclusive acreditava na volta deste. Residiam em uma fazenda em Perdizes Grande.

Em um certa noite, após as orações habituais, em frente a um altazinho feito por sua esposa com as imagens dos santos protetores, sua filha cai em transe, muito preocupandos, a família logo corre para ampará-la.

Daí teve uma noite que a Maria Rosa acordou, pulou da cama e começou a gritar : " Viva a Guerra Santa ! Viva a Monarquia ! Viva São João Maria ! Viva José Maria! Viva São Sebastião ! Eles vão nos ajudar a tocar a Guerra!" Daí aquela jagunçada toda se colocou de joelhos na beira da cama da Maria Rosa e cismaram que ela era uma Santa, que a Maria Rosa era uma Santa

---

<sup>75</sup> MACHADO. Paulo Pinheiro, AXT. Gunter. **O processo de Adeodato, último chefe rebelde do Contestado**. Florianópolis: CEJUR, 2017. Pág. 14.

de Deus. E ela deu ordem para o pessoal ir se apresentando, se preparar para a Guerra Santa.<sup>76</sup>

Completamente transfigurada, Maria Rosa se desvencilha dos braços dos familiares, levanta e fala intitulado-se José Maria. Agora seria ela a “virgem” predileta. E que deveriam continuar, com o passar dos dias, se reunindo diante desse altar, pois grandes acontecimentos estariam por vir.<sup>77</sup>

Depois desse episódio, Maria Rosa começa a pedir para que seu pai se tranfira para o reduto de Caraguatá, pois lá seria transmitido novas e importantes instruções para o movimento caboclo.

Seu pai, Elizinho fica bastante preocupado, pois ele sabe o que aconteceu com o reduto de Taquaruçu, e fica receoso quanto a mudança para Caraguatá.

As notícias de uma nova “virgem”, se alastram rápido. Muitas pessoas começam então, a ir a fazenda de Elizinho, que não gostando dessa aglomeração, decide se mudar para Caraguatá. Essa atitude nos lembra o mesmo fato ocorrido com Teodora, a algum tempo atrás.

Chegando lá, ofertaram pra ele, Maria Rosa e uma irmã, uma casinha de madeira. Sua esposa e outros filhos permanecem em Perdizes, tocando a propriedade da família.

**Figura 6 - Rara foto do reduto de Caraguatá datada de 1913.**

---

<sup>76</sup> Depoimento de Elias Ribeiro, retirado da tese de doutorado MACHADO, Paulo Pinheiro. **Um estudo sobre as origens sociais e a formação política das lideranças sertanejas do Contestado, 1912-1916.** Campinas. São Paulo, 2001.

<sup>77</sup> FELIPE, Euclides José. **O último jagunço.** O folclore na história da Guerra do Contestado. Curitiba: UnC, 1995. Pág. 145.



Foto retirado de: Heranças e Lideranças do Contestado. **Revista História Cataria**. Ano IV. Nº 18 – Abril de 2010. Pág 40

Maria Rosa leva pra o reduto de Caraguatá sua prima, Antoninha, afilhada de seu pai Eliazinho, que tinha por volta de dezoito anos. Com ela Maria Rosa se sentia mais animada e corajosa. Antoninha se torna companheira inseparável de Maria Rosa.

Antoninha não era “virgem” na concepção que os caboclos davam ao termo.

Para aqueles caboclos, ser “virgem” tinha um sentido diferente. Ser “virgem” nos redutos significava que aquela menina era a escolhida por José Maria para receber suas ordens. Era a única com autoridade e pureza suficientes para entender e repassar as mensagens do monge.

É bom mencionar o fato de que as virgens foram “criadas” um ano após José Maria ser morto na batalha do Irani. É errado afirmar que elas eram “apartadas” por ele, e pior, com o consentimento da família, como foram ditos por alguns autores, como o caso de Duglas T. Monteiro. Nos redutos existia uma moralidade sertaneja extrema. Mesmo quando havia festa nos redutos os jogos de azar, bebidas alcoólicas, danças, namoros ostensivos eram proibidos.<sup>78</sup> Até mesmo as formas eram feitas com separação de sexos.<sup>79</sup> Eles creditavam a palavra “virgem” o sentido de pureza pois se dizia entre os sertanejos, que o “oratório portátil do monge era excessivamente pesado para os adultos, mas muito leve para as crianças”(MONTEIRO,1974:132), isso significava que, as crianças eram dignas de receber os ensinamentos de José Maria por conta de sua inocência ainda imaculada.

---

<sup>78</sup>FELIPE, Euclides José. **O último jagunço**. O folclore na história da Guerra do Contestado. Curitiba: UnC, 1995. Pág 146

<sup>79</sup> Depoimento de Dona Virgília, retirado do livro MONTEIRO, Duglas Teixeira. **Os Errantes do Novo Século**. SP: Duas Cidades. 1974. Pág.245.

O termo queria dizer que ela recebia ordens do José Maria, pois outras foram consideradas “virgens” mas eram casadas.

Duglas T. Monteiro fala como era a visão que se tinha das mulheres na época de Maria Rosa:

Dentro dos quadros de uma tradição cultural que confere ao homem preeminência muito acentuada sobre a mulher e onde a autoridade dos mais velhos é prezada, onde a mulher que “se governa” é a prostituta, crianças e *virgens* podem assumir e assumem posição destacada, sendo cercadas de reverência.<sup>80</sup>

Como podemos ver, eram muitos obstáculos que Maria Rosa tinha que transpor.

Querubina, esposa de Eusébio vai ser muito importante nesse período e crucial para a adesão de Elias de Moraes ao movimento. Ela era comadre de Adúlcia, esposa de Elias e a persuadiu a entrar no reduto. Elias não tinha aceito aderir ao prontamente. Ele era Juiz de Paz e Major da Guarda Nacional, compadre de Euzébio e Querubina. Juntamente com Maria Rosa será comandante de Caraguatá. Foi sua esposa Adúlcia que preparou a partida da família:

Relata Alfredo Lemos que Adúlcia falou a Elias: “Nhô Elias, mecê nem sabe como me agradecer o lugar que eu arrumei para mecê no acampamento do Seu José Maria Vancê vai ser o comandante geral, porque o compadre Eusébio não pode, por causa da perna(ferimento).” Elias foi ao reduto conversar com Eusébio para poder decidir melhor, quando voltou ao seu sítio não havia mais ninguém em casa. Adúlcia tinha agrupado tudo em cargueiros e reunido todos os filhos e rumado para Caraguatá. Elias voltou ao reduto e assumiu o comando.<sup>81</sup>

Acreditamos que Querubina tenha estimulado a Adúlcia a entrar no movimento pelo fato de que em Caraguatá, Euzébio estava sem prestígio. A rápida perda de *aço*, a variabilidade de seus videntes Teodora, Manuel e Joaquim e a crescente população do novo reduto contribuíram para isso. Então nada melhor do que ter um compadre como comandante em um novo território.

Mais tarde, Euzébio não teria se conformado com a perda de posição em Caraguatá, e cogitou a idéia de abandonar o movimento dizendo, “touro em rodeio

---

<sup>80</sup> MONTEIRO. Op. Cit., 132.

<sup>81</sup> MACHADO, Paulo Pinheiro. **Lideranças do Contestado**: a formação e a atuação das chefias caboclas (1912-1916). – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004. Pág. 222.

alheio é vaca”. Querubina resistiu, dizendo que não estava para se render como “galinha morta”, após tantos sacrifícios:- *Nunca, Euzébio; desta vez ainda não se entregamos. Já tenho cá meus planos . Deixa comigo. Não podemos perder pro pascova do Eliazinho da Serra.*

- *Mas olha mulher; a coisa não é facil. Eu, com meu pé*<sup>82</sup>.

Maria Rosa tinha o reduto aos seus pés. Tinha autoridade com os caboclos. Tinha liderança dos “Pares de França”, e da população do reduto. Todos a olhavam com admiração e respeitavam as suas decisões. O povo nos redutos consideravam ela uma santa, e julgavam que era tudo sabia. Era considerada a representante do monge José Maria. Destituía comandantes e designava chefes. Quando alguém queria entrar no reduto, era pela avaliação da Maria Rosa que passava. Certo dia apareceu no reduto de Caraguatá um homem conhecido como Sinhôca. Ele veio procurar a sua noiva que tinha sido capturada com sua família pelo pessoal de Baiano. O recém chegado foi levado à presença de Maria Rosa, ali chegando contou o que viera fazer, que estava a procura de sua noiva Ana Maria:

A “virgem” requerendo a presença de Ana Maria e seus pais, esses confirmaram o noivado. Como a noiva também manifestasse o desejo de casar, veio logo a sentença: \_”se for para se unirem e ficar residindo na Cidade Santa, “se ata”; e se não for pra ficar, “gravata”!<sup>83</sup>

O casamento se deu quinze dias depois, no Quadro Santo durante a *forma*. Os padrinhos foram Maria Rosa e seu pai Eliazinho. Depois das formalidades, teve uma farta churrascada de carne de duas vacas gordas trazidos pelo noivo.

Diferentemente de Teodora e dos Meninos-Deuses Joaquim e Linhares, suas visões não precisavam passar por um conselho. Ela tinha voz de comando, a começou a comandar também as formas,a guarda, os piquetes de briga, o abastecimento e a reza<sup>84</sup>.

Vinhas de Queiroz discorda desse fato. Segundo ele Maria Rosa também passava pelo crivo de um *Conselho Secreto*. Durante a noite, Maria Rosa ficava

---

<sup>82</sup> FELIPE, Euclides José. **O último jagunço**. O folclore na história da Guerra do Contestado. Curitiba: UnC, 1995. Pág. 147.

<sup>83</sup>FELIPE, Euclides José. **O último jagunço**. O folclore na história da Guerra do Contestado. Curitiba: UnC, 1995. Pág.153

<sup>84</sup> MACHADO, Paulo Pinheiro. **Um estudo sobre as origens sociais e a formação política das lideranças sertanejas do Contestado, 1912-1916**. Campinas. São Paulo, 2001. Pág. 226

reclusa com esse conselho, que lhe davam as ordens. No outro dia, Maria Rosa passava essas ordens durante as *formas* dizendo que ouvia do próprio José Maria.

Os chefes desse conselho seriam segundo Vinhas, o Euzébio, Elias de Moraes, Venuto Baiano, e o próprio pai de Maria Rosa, Eliazinho da Serra. Segundo o documento de Lemos, a qual Vinhas de Queiroz teve acesso, quem sabia desses encontros era um certo Francisco Castro, que garante também que Maria Rosa não somente recebia ordens do conselho, mas também de um *Pai Velho* o “frei” Manoel.(VINHAS DE QUEIROZ, 1977:151)

Sobre esse frei Manoel, a única menção dele são nos depoimentos dados, tanto para Vinhas de Queiros ( que vimos acima), quanto para Paulo Pinheiro Machado:

PPM; Era o monge Maneca ?

Raulino: É, acho que era esse. Mas ele se dizia ser o João Maria. Ele sentou na mesa com meu padrinho, o Domingos Crespo, que vinha com um papel e lápis na mão. Eles recebiam o dinheiro de todo mundo, diziam que o dinheiro não prestava, precisava ser curado, benzendo. Depois de benzer, metade do dinheiro ficava com os chefes. O Domingos anotava o nome de cada um e quanto dinheiro tinham. Depois, quando o Leodato matava alguém, ele queria que o resto do dinheiro do morto fosse passado pros comandantes. Eles juntaram muito dinheiro porque tinha muita gente<sup>85</sup>

O senhor Raulino, lembra que todos esperavam nos reduto a volta de João Maria, quando apareceu esse frei dizendo ser o próprio. E que além de tentar se passar pelo monge, recebia dinheiro dos caboclos, para segundo ele, benzer. Os livros sobre o assunto não mencionam a existencia desse frei.

Demerval Peixoto também compartilha da ideia de que Maria Rosa estaria enganando as pessoas. Ele assegura que ela participava disso e que agia “*Mancomunada com os espertos exploradores dos infelizes*”(PEIXOTO,1916:85).

Mas de modo geral, e nos depoimentos das pessoas que presenciaram a guerra, Maria Rosa era considerada uma santa, e verdadeiramente recebia ordens de José Maria. E que garantia o poder dela dentro dos redutos.

O fato é que Maria Rosa recebia as intruções de José Maria dentro de um quarto escuro. E quando isso acontecia seu aspecto mudava

---

<sup>85</sup> Depoimento de Raulino Correia de Souza em 12/04/2000, retirado da tese de doutorado MACHADO, Paulo Pinheiro. **Um estudo sobre as origens sociais e a formação política das lideranças sertanejas do Contestado, 1912-1916**. Campinas. São Paulo, 2001. Pág. 485.

completamente: “Suas feições e procedimentos assumiam a postura de adulta, sentenciosa e versada em assuntos muito superiores ao acontecimento de uma simples caipirinha semi-alfabetizada.”<sup>86</sup>

Um dia, no final de fevereiro, Maria Rosa, acompanhada de sua prima Antoninha, de seu pai e de Elias de Moraes, que era com quem dividia o comando do reduto, chega na *forma* do Quadro Santo e anuncia que José Maria, a frente do exército encantado, lhe falou que a guerra santa estava se aproximando, que um grande batalhão do governo “armado até os dentes” estava próximo do reduto, e que todos deveriam se preparar e se armar o quanto antes. Enquanto as pessoas se retiravam para começar os preparativos, Elias de Moraes, Euzébio (avó da primeira “virgem”, a Teodora), seu pai Elizinho da Serra e a Maria Rosa, convocam os Doze Pares de França e Venuto Baiano para uma reunião onde José Maria por intermédio da “virgem” passaria as instruções necessárias, de como proceder no ataque. (FELIPPE, 1995:154)

Dai a Maria Rosa reuniu o pessoal e mandou que contasse quantos homens de briga tinha à disposição. Tinham 15 mil! Depois que terminaram a estrada de ferro que vinha do Rio Grande do Sul ficou muita gente atirada por aí, esses engrossaram o povo de Taquaruçú. E então eram 15 mil homens de briga. Daí a Maria Rosa disse: “Agora vamos ver o armamento de guerra que temos.” As armas “compridas” e as de guerra. Balancearam, e sabe quantas tinham? 275, não tendo nem um fuzil *mauser*, só *Winchester* e 3 *comblain* velhas e umas *marlin*. Mas uns tinham facões, outros algumas pistolas, outros umas espingardas de caça, mas armas compridas só 275 e homens de briga 15 mil. Naquela vereda, se arrumaram, se aprumaram, e veio uma força do governo pela estrada de ferro (não existia nenhuma estrada de rodagem por aqui), desembarcaram no Caçador. Do Caçador às Perdizes são 5 léguas e meia. Vieram comandados pelo Capitão Rosinha. Acamparam (os soldados) bem perto do reduto.<sup>87</sup>

Há uma confusão de memória neste depoente. O auge do poder de Maria Rosa foi o reduto de Caraguatá, que não superou o total de 2 mil habitantes. 15 mil homens de briga, homens e jovens adultos, só seria possível em Santa Maria, onde quem mandava já era Adeodato, Maria Rosa estava completamente sem poderes.

---

<sup>86</sup> FELIPPE, Euclides José. **O último jagunço**. O folclore na história da Guerra do Contestado. Curitiba: UnC, 1995. Pág. 146.

<sup>87</sup> Depoimento de Elias Ribeiro em 12/02/1998. Retirado da tese de doutorado MACHADO, Paulo Pinheiro. **Um estudo sobre as origens sociais e a formação política das lideranças sertanejas do Contestado, 1912-1916**. Campinas. São Paulo, 2001. Pág. 422

**Figura 7– bandeira do Contestado**



No dia nove de março de 1914, os soldados do exército avançam sobre o reduto. Chegando lá avistam um grupo de mulheres que corriam na direção de um capão<sup>88</sup>, como se procurassem abrigo. Os soldados vendo aquelas mulheres indefesas, correm ao encontro delas. Segundo Eduardo Honorato discorre : *“Eram nossos homens vestidos de mulher, para atrair, pra atrair os bobalhões.”*<sup>89</sup>

A partir daí começa o confronto.

Havia vários caboclos escondidos nos troncos mais altos das araucárias e nos ocos de imbúias dizimando os soldados. Atrás de cada pinheiro, tinha um caboclo de briga. Os caboclos manipularam a vegetação uma noite antes para que eles pudessem se movimentar a vontade, e ter controle total da situação. Ali quando Venuto Baiano deu o sinal, eles “caíram pra cima” dos soldados. Eram feitos, pelos caboclos, trilhas que davam para emboscadas sem saída e cheios de espinhos de inhapindaí.

No combate corpo a corpo, os caboclos demonstraram destreza com seus facões feitos de aço ou madeira de guamirim, mais habilidade até que os próprios soldados com toda a artilharia. Os caboclos também atacaram o hospital de sangue do exército, improvisado em uma clareira. Os soldados

---

<sup>88</sup> Pequena porção de mato, isolado no meio do campo.

<sup>89</sup> FELIPPE, Euclides José. **O último jagunço**. O folclore na história da Guerra do Contestado. Curitiba: UnC, 1995. Pág. 155.



fogem e param em uma campina, onde conseguem recolher os mortos e enterrar. Os caboclos não tinham permissão de ir até lá.

Assim o conflito acabou com um saldo de 24 mortos, 21 feridos e 3 extraviados por parte das forças do governo. No lado dos caboclos foram 37 mortos, mas não conseguiram entrar no reduto.(MACHADO,2001:227)

A todos o momento, Maria Rosa estava junto com a tropa de caboclos.

Os jagunços atacaram a força abrigada no capão comandados pela Maria Rosa, ela tinha voz de comando, toda vestida de branco, montada num cavalo branco, segurando uma bandeira. Brigaram o dia inteiro, quando chegou as 4:30 da tarde o Coronel Rosinha(Capitão Vieira da Rosa) mandou os soldados retirarem para um cemitério próximo. Muitos soldados morreram e nenhum jagunço morreu no combate, naquele tempo tinha proteção, não aconteceu nada com a Virgem Maria Rosa, que ficava na frente dos jagunços, eles estavam protegidos, era como um milagre.<sup>90</sup>

O combate de Caraguatá foi um dos mais intensos e sangrentos. Mas é guardado pela memória local como um dos principais feitos de Maria Rosa. Após a vitória, os caboclos ficaram ainda mais entusiasmado e aumentou ainda mais a aurea mística!

**Figura 8 - Maria Rosa liderando os caboclos.**



Obra do pintor catarinense Willy Alfredo Zumblick.

---

<sup>90</sup> Depoimento de Elias de Ribeiro em 12/02/1998. Retirado da tese de doutorado MACHADO, Paulo Pinheiro. **Um estudo sobre as origens sociais e a formação política das lideranças sertanejas do Contestado, 1912-1916.** Campinas. São Paulo, 2001. Pág. 422.

De acordo com Duglas T. Monteiro nos sertanejos prevaleciam duas distintas emoções: o “tempo de angustia” e o “tempo de alegria”. E a tempo de angustia era maior do que o tempo de alegria. Por isso quando acontecia de saírem vitoriosos de alguma refrega, os sertanejos comemoravam com churrasco e música, isso explicaria o porque que no retorno ao reduto chegaram dando salvas a monarquia desperdiçando munição.(MONTEIRO,1974:135)

Com a vitória, Caraguatá cresceu em número de habitantes e o reduto se estruturou.<sup>91</sup>

Após esse confronto, por conta da grande euforia pela vitória e talvez também por estarem sentindo uma certa superioridade, houve um momento em que os sertanejos começam a saquear outras fazendas para pegar tudo aquilo que necessitavam para o reduto. Intimavam e recrutavam pessoas para o movimento. Vinhas de Queiroz descreve que muitas fazendas foram assaltadas, alguns fazendeiros foram mortos em suas casas, e as suas famílias ameaçadas, caso tentassem dar-lhe sepultura. O gado era roubado. Aqueles fazendeiros que não haviam sido mortos, eram levados ao reduto para serem submetido a um julgamento. Outros eram simplesmente surrados. E aqueles que eram considerados inimigos dos pobres e da santa religião, eram torturados e fuzilados. O pânico estava instaurado. (VINHAS DE QUEIROZ,1977:152) Há notícias de que a virgem Maria Rosa mandava degolar aqueles que ela suspeitasse que estivessem espionando para os peludos.<sup>92</sup>

Demerval Peixoto diz que essa mudança de direção na conduta dos sertanejos se dá por que o “fanatismo estava suplantado pelo banditismo”.<sup>93</sup>

Cabral acredita que essa mudança se dá pois os sertanejos encontraram uma nova ocupação: haviam sido transformados em guerrilheiros.<sup>94</sup>

A luta agora era para a manutenção da campanha ( e talvez por isso a violência começa a ser empregada) pois se vitoriosa, garantiria uma situação muito melhor aqueles sertanejos. A destruição dos redutos e conseqüentemente a derrota, significaria o regresso da miséria, a falta de terras, e a sobrevida a

---

<sup>91</sup> THOMÈ, Nilson. **Os iluminados: personagens e manifestações místicas e messiânicas no contestado**. Florianópolis: insular. 1999.

<sup>92</sup> MACHADO, Paulo Pinheiro. **Um estudo sobre as origens sociais e a formação política das lideranças sertanejas do Contestado, 1912-1916**. Campinas. São Paulo, 2001. Pág.344

<sup>93</sup> PEIXOTO, Demerval.**Campanha do Contesdado**-Episódios e Impressões. Rio de Janeiro,1916.

<sup>94</sup> CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **Os Errantes do Novo Século**. São Paulo: Duas Cidades. 1974.

qual conheciam muito bem. Isso não significava que a religiosidade não estava presente, mas agora a arma principal desse caboclos não era mais a oração e nem a espera de um milagre.(CABRAL, 1974:235)

Foi a primeira vez, que se tem notícias, de exumação de cadáver por parte dos sertanejos. A topa de soldados do governo, resolve enterrar seus mortos em um cemitério de São Sebastião das Perdizes. Mais tarde durante uma incursão do general Mesquita, os soldados se defrontam com uma cena aterradora: os corpos dos seus companheiros estão exumados e picados a facção.(MACHADO,2001:227) Há várias teorias do porque deles terem feito isso: por acreditar que os soldados impuros não poderiam ser enterrados em solo sagrado, pelo fato de eles quererem aterrorizar os adversários, ou até mesmo por acreditarem que todo aquele que morresse em combate pela guerra santa, em breve ressuscitariam. Eduardo Honorato conta isso a Euclides Felipe:

- E se por acaso – enventou alguém – o Dragão inventar de ressuscitar os soldados dele também? E agora, o que vamos fazer?  
- Bem – sugeriu outro: - o jeito é confundir o Dragão.  
Reuniram um escolta, com ferramentas e lá se foram a desenterrar os cadáveres dos soldados, espicaçá-los a golpes de foice e dispersar seus membros pela mata à longa distancia, para impossibilitar sua recomposição. Nem as próprias almas mesmo que ajudadas pelo diabo, jamais encontrariam seus fragmentos espalhados.<sup>95</sup>

Marcia Espig, também compartilha da ideia de que, assim como o exército encantando de São Sebastião iria ressuscitar os mortos da guerra santa, os inimigos também o fariam. (ESPIG, 2004:107)

Nilson Thomé diz que os sertanejos, após negarem sepultura, penduraram os cadáveres dos soldados que ficaram caídos na mata, nos galhos de pinheiros para ali apodrecerem, para que o mal cheiro espantasse qualquer nova tentativa de ataque.(THOMÉ, 1999:191)

Após a vitória dos caboclos no que ficou conhecido como a “Batalha de Caraguatá”, aproximadamente três a quatro dias, o tempo volta a ser de angústia.

Maria Rosa faz uma reunião com os Comandantes de Briga dizendo que tinha recebido uma mensagem de José Maria dizendo que : “*O Dragão, ferido, saiu*

---

<sup>95</sup> FELIPE, Euclides José. **O último jagunço**. O folclore na história da Guerra do Contestado. Curitiba: UnC, 1995. Pág. 158

*cuspiendo sangue com fogo. Doido de raiva e de vergonha, jurava “por tudo o que era santo”, vingar-se. Voltaria em breve atacar o reduto, com suas forças multiplicadas por dez”.*<sup>96</sup> Maria Rosa anuncia então a mudança para o reduto de Pedras Brancas em Bom Sucesso. Uma nova epidemia de tifo faz com que se aviasse a mudança. No fim de março de 1914 da-se o início do esvaziamento do reduto de Caraguatá. Levaram mais de 600 cabeças de gado e 200 animais de montaria, 160 mulas cargueiras, 60 vacas leiteiras, ovelhas, porcos, galinhas. Além dos animais, os caboclos levaram feijão. Milho, banha, sebo, charque, farinha de milho em casquinhas e quirera.( FELIPPE, 1995:159) Formou-se um cortejo de duas mil pessoas.

*“À frente, a virgem Maria Rosa, acolitada por cem cavaleiros e montando, ela mesma, um animal ajaezado com arreios de prata, silhão de veludo, enfeitado com franjas e fitas. Após a chegada ao destino, seguiram-se dois dias de festa”.*<sup>97</sup>

Sebastião Scheffer também descreve como Maria Rosa liderou o povo na mudança de reduto:

A virgem Maria Rosa, linda como ela só, no arto da grória, saiu a cavalo lindamente enfeitada como uma princesa, dessas bonitas que se vê estampadas nas folhas dos almanaques, com o pai e a Antoninha ao lado. Logo atrás o comandante Elias de Moraes e Euzébio, com suas esposas. Em frente iam seis Pares de França com a bandeira do Quadro Santo e à retaguarda, Venuto Baiano com os outros seis pares e uma escolta de homens armados e suas famílias. Um imenso cortejo de mais de 200 homens. Davam salvas de garrucha e vivas a José Maria.<sup>98</sup>

Bom Sossego logo se tornou um grande reduto. Em poucos dias já se havia construído bairros com casebres improvisados de madeira, cobertos de palha. Ruas e ruelas desembocavam na praça central. Junto com o reduto de Bom Sossego formam-se os redutos de Pinheiros, Timbózinho, Timbó Grande, Tamanduá e São Sebastião.

---

<sup>96</sup> FELIPPE. Op. Cit. 157

<sup>97</sup> Luz, Aujor Ávila. **Os fanáticos, crimes e aberrações da religiosidade de nossos caboclos** (Contribuição para o estudo de antropológico-criminologia e da história do movimento dos fanáticos em Santa Catarina), Florianópolis, 1952. Pág. 166

<sup>98</sup> Depoimento retirado de FELIPE, Euclides José. **O último jagunço**. O folclore na história da Guerra do Contestado. Curitiba: UnC, 1995. Pág. 159

No novo reduto quase nada muda: Maria Rosa continua sendo a voz de comando, Elias de Moraes era o primeiro comandante e Venuto Baiano continua comandante de briga. As formas continuam sendo feitas da mesma forma: o som do tambor anunciava a hora de se reunir, os grupos ainda eram divididos por sexo e idade. Nos outros redutos as coisas aconteciam da mesma forma. O que se sabe porém é que no reduto de São Sebastião havia também uma virgem chamada Sebastiana Rocha, mas essa não tinha o mesmo prestígio de Maria Rosa. (VINHAS DE QUEIROZ, 1977:154)

Em abril de 1914, o primeiro comandante Elias de Moraes organiza o “Exército Encantado de São Sebastião”. O exército contava com cerca de 3.000 homens, armados com facas, facões, revólves e espingardas. Tinha mais 200 homens do “Exército da Cavalaria”, armados com *winchesters* e *mausers*. 25 homens sob o comando de Adeodato e mais 24 cavaleiros da guarda pessoal de Maria Rosa (Pares de França), mais 2.000 mulheres acima de 17 anos e 500 crianças em condições de luta. (THOMÉ, 1999:191)

Mas o governo não se deu por vencido.

Em meados de abril de 1914, o general Mesquita assume o comando das operações contra os sertanejos. Gen. Mesquita era veterano de Canudos.

Desde a derrota de Caraguatá, os soldados estavam acampados na fazenda Pires, próximo a Calmon. Quando gen. Mesquita chega ao acampamento encontra soldados desolados, irritados e acreditando realmente que os sertanejos assumiam proporções fantásticas. Os soldados consideravam os caboclos invencíveis. (VINHAS DE QUEIROZ, 1977:159)

Havia um estado de desolação entre os soldados pelo desconforto e abandono. Não tinham remédios, comidas e pagamento, e acusavam o governo e o Ministro da Guerra por isso. Gen. Mesquita disse que “*pouco faltava para se lançarem nos braços de uma revolta*”<sup>99</sup>.

Mesquita passa um mês no acampamento, organizando os homens, e entrando em contato com as autoridades a fim de angariar as verbas necessárias: recursos financeiros e número suficiente, mas não obteve muito sucesso.

---

<sup>99</sup> QUEIROZ, Maurício Vinhas de. **Messianismo e conflito social. A guerra sertaneja do contestado 1912-1916.** São Paulo, Ática, 1977. Pág: 156.

Conferenciou com o Padre José Lechner, vigário de União da Vitória, que tinha ido até os reduto para uma tentativa de pacificação. Segundo o padre, os caboclos não iriam se render pelo fato de se sentirem protegidos pelo *guia santo*, e que suas orações iriam defende-los das balas dos soldados. Além disso eles acham que estavam em vantagem por conhecer o mato. O padre também esboça um mapa do reduto e dá informações verbais sobre o que poderiam encontrar por lá, mostrando ter “uma lealdade e fidelidade dignas de um apóstolo de Cristo”, como disse Mesquita.<sup>100</sup>

Foi apartir dessas informações que o gen. Mesquita arma um plano para atacar o reduto de Caraguatá. O plano consistia em um ataque simultâneo pelo norte e pelo sul. Mas quando chegaram em Caraguatá, se depararam com um reduto vazio. “Os *jagunços tinham, de fato, desaparecido dali*”.<sup>101</sup> Então a missão se resumiu em tocar fogo nos barracos que estavam abandonados, feito isso, regressaram.

Quando estavam chegando a Vila Nova do Timbó, a Coluna de gen. Mesquita é atacada novamente em uma emboscada, onde acabou sofrendo grandes danos. Mas conseguiram tomar o reduto de São Paulo (hoje São Roque). No outro dia, enquanto ainda estavam comemorando a vitória da tomada do reduto, foram surpreendidos com uma chuva de balas. Escondidos entre os pinheirais, nas macegas, nos troncos de imbuias os caboclos atiravam, e continuaram atirando durante todo o dia. Os soldados tiveram várias baixas no seu contingente, e chegaram a dormir abraçados em seus fuzis.(VINHAS DE QUEIROZ, 1977:159)

No outro dia, gen. Mesquita resolve bater em retirada. Fazendo o caminho de volta, que a duras penas foi feito, o general e seus soldados voltavam carregando seus mortos e feridos, e suas esperanças de vencer os sertanejos. E mesmo na volta os caboclos não deram trégua, e continuaram alvejando os inimigos. Mais uma vez o *exército invisível* de José Maria teria atacado as tropas governistas.(VINHAS DE QUEIROZ, 1977:159) ao regressar da campanha, o

---

<sup>100</sup> QUEIROZ. Op. Cit. 156

<sup>101</sup> PEIXOTO, Demerval. **Campanha do Contesdado**-Episódios e Impressões. Rio de Janeiro, 1916.

gen. Mesquita deu por finda a sua participação na Guerra do Contestado devolvendo a tropa nos seus respectivos quartéis.

Com esse sentimento de invencibilidade que os caboclos estavam experimentando, fez com que mais gente se atraísse pela causa dos caboclos, e que entrasse nos redutos. Mas eles não eram qualquer pessoa, eram bandos marginalizados da região, salteadores, e até capangas dos “coronéis do mate”, com o intuito de roubar e fazer arruaça. Até dinehiro falso estava rolando por ali: “ – *Dessa data em diante, é que o quadro santo virou no Quadro do Diabo; daí é que começou o jaguncismo. Mas jagunço, mesmo, é a gente do governo e não nós daqui.*”<sup>102</sup>

Esses bandos que adentraram no movimento não foram aceitos por Maria Rosa. Quem admitiu eles foram Elias de Moraes, Euzébio e Venuto Baiano. Maria Rosa não compartilhava com essas ideias, deixando-a e ao seu pai, Elizinho da Serra, descontentes.

Antoninha conta que por mais de uma vez topou a jovem em pranto, arrependida de seu tresloucado gesto. Infelizmente fora colhida nas malhas do destino como uma das peças principais. Sua voz não ressoava mais esperançosa e consiliadora como antes nos ânimos contenciosos dos ousados lutadores agora embrutecidos pela sanha guerreira. Suas virtudes só eram consultadas pra praticar malvadezas.<sup>103</sup>

Sua prima e confidente, Antoninha, ainda justifica que, após esse desanimo de Maria Rosa com o movimento dos caboclos, uma pavorosa visão à deixa desconcertada:

Viu o sol surgindo no horizonte, límpido e brilhante. Do lado do poente começou a erguer-se uma nuvenzinha que foi aumentando e enegrecendo até tomar conta do céu. E se fez tudo sombrio. De uma mata vizinha rompeu um bando de aves em vôo rasante e rápido, e assentou numa árvore cujos gaços despiram-se imediatamente das folhas. Os pássaros vociferavam em grande alarido, quando de inopino reergueram o vôo e se alçaram vezes, arrebatados pelo negror dos firmamento revoltos. Então a “virgem” compreendeu que o Império de seus sonhos havia desmoronado<sup>104</sup>.

---

<sup>102</sup> Depoimento de Nenem Chefre. Retirado de FELIPE, Euclides José. **O último jagunço**. O folclore na história da Guerra do Contestado. Curitiba: UnC, 1995. Pág. 164

<sup>103</sup> FELIPE. Op Cit. 164.

<sup>104</sup> FELIPE. Op. Cit. 164

A partir desse momento, Maria Rosa começa perder o prestígio como *virgem*. Aí, Maria Rosa começa a perder o “*aço*”<sup>105</sup>.

Capitão Matos Costa comandava 200 homens que protegiam a construção da estrada de ferro que levava a Canoinhas. Ele resolve entrar em contato, redutos, com os principais chefes rebeldes, para ver de perto o que acontecia nos redutos. O fato é que Matos Costa tinha uma certa simpatia com a causa cabocla.

Juntamente com um negociante conhecido pelas redondezas e com livre acesso aos redutos, José dos Santos (mas Euclides Felipe dá outro nome: José Lima), o Nhozinho, Matos Costa troca de roupa, raspa o cabelo<sup>106</sup>, e coloca uma fita branca no chapéu. Assim, poderiam entrar nos redutos sem chamar atenção. E assim o fez, passando pelos redutos até chegar no acampamento-mor de Bom Sossego.

Nesse meio tempo, Antoninha relata que, Maria Rosa teria lhe dito que José Maria estaria afastado dela e da causa cabocla, por conta do rumo que ela estava tomando. Este aconselhou-a a se dedicar e dar assistência às crianças, mulheres e doentes, já que por conta dela, essas pessoas tinham aderido ao movimento. Ela não queria abandoná-los. Ainda lhe restava um pouco de esperança de resolver as coisas.

O reduto começa a se dividir entre os moderados e os beligerantes ou belicosos, que eram aqueles que queriam pegar em armas, mas não só para se defender, mas agora para atacar. A Guerra Santa deixa de ter característica de defesa. Esses queriam a queda de Maria Rosa e começaram a espalhar pela comunidade que Maria Rosa tinha perdido o *aço*. Grandes discussões, então, começam a se formar no reduto.

Matos Costa chega ao reduto de Bom Sossego e vai ao barraco de Eliazinho da Serra. Este, segundo Euclides Felipe, desejava conhecer ardentemente a *virgem*. (FELIPPE, 1995:166) por conta de José Santos, conhecido por todos, eles são muito bem recebidos e convidados a jantar. Muito desenvolvido, Matos Costa conta para Elizinho e para a *virgem*, que na verdade ele era Capitão do Exército, e que sabendo que Elizinho era um líder entre os

---

<sup>105</sup> Perder o *aço*, significava ter perdido o poder de vidência. Ela não tinha mais comunicação com José Maria.

<sup>106</sup> Os caboclos na guerra do contestado eram conhecidos por *pelados*, pois usavam a cabeça raspada. Já os soldados da força do governo eram conhecidos por *peludos*.



moderadores, vinha em missão de paz. Ele queria acertar as coisas para ter haver um possível trégua na guerra. Maria Rosa, declara então que ela já havia adivinhado que alguém, com esse intuito, se apresentaria a eles.

Após essa conferência acertaram muitos detalhes, e por ter gostado da conversa, Elizinho dispõe de seus dois vaqueanos de confiança para levar os visitantes até atalhos para que saíssem do reduto com segurança.(FELIPPE, 1995:166)

Depois dessa viagem, Matos Costa teria falado que:

“A revolta do Contestado é apenas uma insurreição de sertanejos espoliados nas suas terras, nos seus direitos, na sua segurança. A questão do Contestado se desfaz com um pouco de instrução e o suficiente de Justiça, como um duplo produto que ela é da violência que revolta e da ignorância que não sabe outro meio de defender o seu direito”.<sup>107</sup>

A chegada dos dois homens não levantaram suspeitas...mas sua partida repentina, sim.

Euclides Felipe discorre que Antoninha notou uma certa mudança em Maria Rosa, logo após a visita de Matos Costa. Como estava acostumada a lidar com caboclos embrutecidos pelas mazelas da vida, se deparar com alguém tão culto e bem apessoado poderia ter deixado ela encantada de uma certa forma. *“Empalidecia e tremia os lábios ao falar no capitão. Olhava para os lados sobressaltada, como se temesse alguém flagrar-lhe os secretos pensamentos. Ao falar nele, Maria Rosa ficava toda ruborizada como se estivesse cometendo pecado.”*<sup>108</sup>

A saída de madrugada, escondida, dois dois mercadores, levantaram suspeitas dos chefes do reduto e dos beligerantes, que ficam contra a *virgem* e seu pai Elizinho. É nesse momento que Maria Rosa perde de vez seu poder de comando e deixa de ser a virgem do reduto de Bom Sossego.

Ao perceber a ausência dos mascates, Chiquinho Alonso sai com sua guarda atrás de Nhozinho. Vai até a sua casa e seu comércio, não encontrando-o, mata seu encarregado e coloca fogo tanto na casa quanto no comércio. Quando

---

<sup>107</sup> PEIXOTO, Demerval. **Campanha do Contestado**-Episódios e Impressões. Rio de Janeiro, 1916. Pág.98.

<sup>108</sup> Depoimento de Antoninha. Retirado de FELIPE, Euclides José. **O último jagunço**. O folclore na história da Guerra do Contestado. Curitiba: UnC, 1995. Pág. 168.

estava voltando ao reduto, parou junto a uma vertente de água, cravou uma cruz e se disse tocado por João Maria afirmando ser representante direto dele.

Quando retorna ao reduto, a importância da Maria Rosa era nulo. Chiquinho Alonso se declara então comandante geral diante de toda a população. Quando perguntada, Maria Rosa teria concordado:

- *“Ele é quem manda. Então vocês atendam ele. Eu não tenho mais nada com isso.”*<sup>109</sup>

Agora, no mais alto posto de comando, Chiquinho Alonso corta relações em definitivo com Maria Rosa. Dizia que, falava abertamente com João Maria e São Sebastião, e este, lhe passava instruções para tudo. José Maria estava fora do combate.

Em agosto, Matos Costa estava no Rio de Janeiro, como havia prometido a *virgem* tentando um acordo de paz com o governo. No final do mês estaria de volta. Quando retorna, há uma emboscada comandado por Venuto Baiano na estação onde ele iria descer. Matos Costa e seus homens lutaram até serem cercados e desarmados pelos sertanejos. Ali foram dizimados a facção. Matos Costa era a última esperança de Maria Rosa.

Após a morte de Matos Costa, Chiquinho Alonso dá ordens para que os sertanejos regressem ao reduto de Bom Sossego. Nessa volta, Venuto Baiano, é assassinado. A sua morte está involta em informações múltiplas e contraditórias. Segundo Vinhas de Queiroz, Venuto Baiano teria ficado enciumado com o fato da nomeação de Chiquinho Alonso como novo comandante do reduto, é morto por seus parceiros de circunstâncias pouco esclarecidas. Sabe-se porém, que a morte foi encomendada por Chiquinho Alonso. (VINHAS DE QUEIROZ, 1977:173)

Além da morte de Matos Costa, Venuto Baiano comandou o ataque a São João dos Pobres, e neste, teria matado alguns *piás* (meninos ou adolescentes), contrariando as ordens de Chiquinho Alonso de que todos os comandantes não deveriam matar crianças.

---

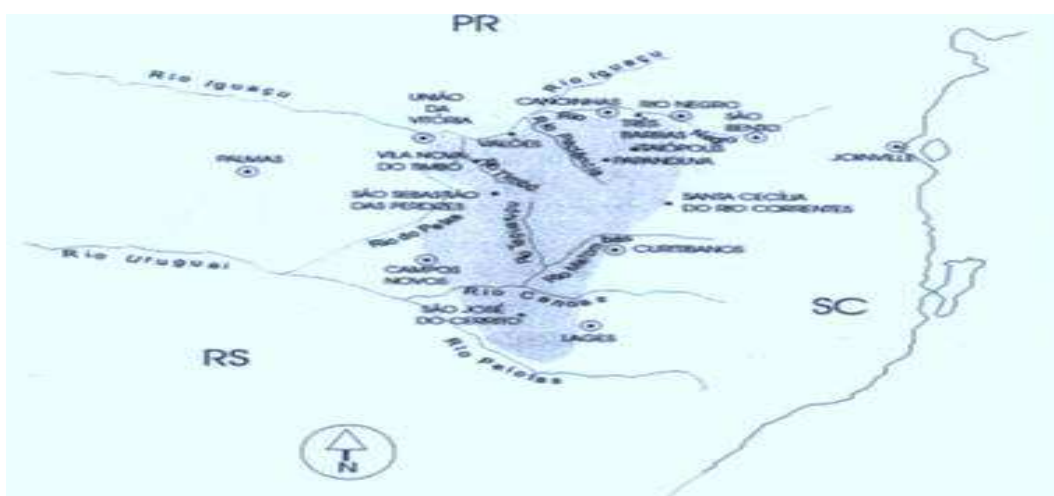
<sup>109</sup> QUEIROZ, Maurício Vinhas de. **Messianismo e conflito social. A guerra sertaneja do contestado 1912-1916.** São Paulo, Àtica, 1977. Pág. 163.

Outra informação é de que Venuto Baiano teria se embriagado na venda do comerciante Schinna e roubado seu dinheiro, contrariando outra máxima cabocla, que tinham uma conduta muito rigorosa a respeito da família e dinheiro.

Paulo Pinheiro Machado também revela uma quarta informação. Venuto Baido poderia estar fazendo jogo duplo, e teria matado Matos Costa a mando do Coronel Fabrício Vieira, pois esta estava sendo denunciado pelo Capitão ao governo federal, por derramar dinheiro falso na região, praticar grilagem<sup>110</sup> e outros atos contra os sertanejos. (MACHADO,2004:266)

No auge do movimento, o território ocupado pelos caboclos compreendia 28.000 quilômetros quadrados, mais ou menos o mesmo território compreendido pelo estado de Alagoas, ou 3% do território nacional. Como podemos ver no mapa a seguir, o território compreendia: De norte a sul ia do Rio Iguaçu até Lages e Campos Novos, e de leste- oeste, ia de Itaiópolis até a bacia do Itajaí.

**Figura 9 - Mapa mostrando a área de domínio caboclo**



Mapa mostrando a ocupação territorial sob domínio rebelde em outubro de 1914. Mapa retirado de MACHADO, Paulo Pinheiro. **Um estudo sobre as origens sociais e a formação política das lideranças sertanejas do Contestado, 1912-1916.** Campinas. São Paulo, 2001. Pág. 378.

Vivem nesse território, no fim de 1914, mais ou menos 20.000 pessoas. Os redutos, variavam muito de tamanho podendo ter uns 300 e outros 5.000 habitantes. Vinhas de Queiroz descreve as casas e o modo de vida simples dessas pessoas. Os

---

<sup>110</sup> Grilagem é a ocupação irregular de terras, a partir de fraude e falsificação de títulos de propriedade.

ranchos eram improvisados do dia para a noite, contruíam para durar três anos. As casas não eram muito diferentes das casas dos sertanejos atuais, remanescentes do contestado: paredes de pau a pique, talhados de tabuinhas, o chão de terra batida, com dois cômodos: quarto e sala. No quarto dormia-se em tarimbas e pelegos ou cobertores finos serviam de colchão. Na cozinha onde se reunia a família, bem no centro se armava o fogo, com tripés para suspender as panelas.(VINHAS DE QUEIROZ,1977:177)

E quanto mais havia esse crescimento de adeptos ao movimento, mais o pânico se alastra nas comunidades vizinhas, fazendo até, em algumas cidades, ficarem desertas como foi o caso de União da Vitória. Para conter um avanço maior dos rebeldes, o governo nomeia no final de agosto de 1914, o Ge. Setembrino de Carvalho, que a pouco voltara de uma missão no Ceará. Ao contrário do gen. Mesquita, Setembrino tinha recursos e homens.

Ao chegar Setembrino lança um manifesto aos habitantes da area ocupada pelos guerrilheiros :

Apelo- Fazendo um apelo aos habitantes da zona conflagrada, que se acham em companhia dos fanáticos, eu os convido a que se retirem, mesmo armados, para os pontos onde houver forças, a cujos comandantes devem apresentar-se. Aí lhes são garantidos meios de subsistência, até que o governo do Estado do Paraná lhes dê terras, das quais se passarão títulos de propriedade. A contar, porém desta data em diante, os que não fizeram espontaneamente e forem encontrados nos limites da ação da tropa, serão considerados como inimigos e assim tratados com todos os rigores das leis de guerra.<sup>111</sup>

Com essa ânsia de tomar território por parte dos sertanejos, o comandante Chiquinho Alonso resolve atacar a estação de Rio das Antas. Segundo Vinhas de Queiroz, Rio das Antas era uma colônia estabelecida pela *Southern Brazil Lumber and Colonization Company*, companhia que estava construindo a estrada de ferro. Dali também expulsaram os donos de terra , que ficaram vagando pelo estado, até serem absorvidos pelos redutos. Após a expulsão, venderam as terras para os imigrantes poloneses e alemães.

---

<sup>111</sup> QUEIROZ, Maurício Vinhas de. **Messianismo e conflito social. A guerra sertaneja do contestado 1912-1916.** São Paulo, Ática,1977. Pág. 195.

Um mês antes de atacar o território, Chiquinho Alonso, manda avisar aos moradores, que eram para abandonar suas casas, por que se não o fizessem , seriam atacados sem piedade.

Não se sabe se, por conta do apelo do gen. Setembrino eles não o fizeram, mas o fato é que além de não saírem, eles se armaram e se prepararam para o ataque.

Então, no dia de finados, Chiquinho Alonso e mais trinta e cinco homens, chegam à Rio das Antas. Os caboclos conseguem matar quatro dos colonos, mas estes, alertados pelos tiros, entram em suas casas fortificadas e preparadas para o embate, e revidam ao fogo. Morrem doze jagunços, entre os quais, Chiquinho Alonso, que tinha ficado cego por conta de um tiro no rosto. Os que sobreviveram, fugiram do local.(VINHAS DE QUEIROZ,1977:203)

Assim morre mais um comandante do exército de José Maria.

Adeodato é então nomeado o mais novo comandante do reduto-mor por Elias de Moraes. Maria Rosa continua no reduto, cuidando dos que precisam.

As notícias de que o gen. Setembrino de Carvalho estava cercando o território dos caboclos se alastrou. O plano de Setembrino era cercar a área domada pelos caboclos através de quatro frentes que correspondessem aos pontos cardeais. Com isso, planejava reduzir o território dos fanáticos pouco a pouco.

Sabendo disso, Adeodato ordena a transferência do reduto de Bom Sucesso para Santa Maria. Tinha dez quilômetros de extensão, com uma igreja matriz dedicada a São Sebastião. Sua população foi estimada em 5.000 habitantes, e a cada dia que passava, mais gente chegava.

Maria Rosa também se transfere para esse reduto. Ela continua acompanhando os caboclos e não abandona a causa. Mesmo essa já não tendo o mesmo objetivo.

Mas alí, em Santa Maria, era só mais uma no meio da multidão. Não era mais a *virgem* de José Maria, este realmente a tinha abandonado. Era só mais uma subordinada ao Adeodato como podemos ver no depoimento de Domingas, filha da primeira *virgem* Teodora:

Ela dizia que o Leodato mandava ela montar a cavalo, ela e a Maria Rosa. Elas desfilavam pelo reduto, sempre a mando do Leodato.(...) Mas este Leodato fazia horrores, ela dizia que o que ele mandasse ela e a Maria Rosa

tinham que fazer, elas eram gurias, tinham medo dele. Minha mãe tinha de 11 para 12 anos, era bonita tinha cabelo loiro bem cumprido. O Leodato ameaçava as duas meninas com morte se não fossem obedientes a ele.<sup>112</sup>

João Ventura, filho de Chico Ventura, também afirma que Maria Rosa não tinha mais nenhuma autoridade no reduto de Santa Maria: “*Nem Eusébio, nem Teodora e nem Maria Rosa mandavam mais nada.*”<sup>113</sup>

O plano de Setembrino começa a dar certo. No início do ano de 1915 o cerco aos redutos estava fazendo com que os suprimentos necessários para a sobrevivência não chegassem mais. Começa a faltar alimentos. As pessoas começam a perecer de fome: “*Depois de terminado o butiazeiro eles comiam couro assado, capa de cangalha, o que tivesse a mão. Era muita fome, eu vi o estado triste de muitos que se apresentaram ao exército quando acabou o reduto de Santa Maria.*”<sup>114</sup>

Começava mais uma vez o tempo de agustia.

Com essa escassez de alimentos e também de munição para salvaguardar os redutos, os caboclos começam a se entregar para as autoridades. Essas pessoas eram em sua maioria mulheres, crianças e idosos. Aquelas pessoas que as autoridades temiam, homens armados, não se entregaram. Só nesse mês, estimasse que mais de 3.000 pessoas se entregaram. Mas o principal reduto de Santa Maria isso não aconteceu, talvez por medo de Adeodato.(FELIPPE,1995:180) Maria Rosa também não se entrega.

Antes do fatídico dia, do ataque à Santa Maria, ocorre um ataque de pequena proporção.

Conta Sr. Raulino que:

Era noite alta, mas não meia noite ainda, quando se ouviu uma grande explosão, cabrum! Maria Rosa procurou seus irmãos da guarda e perguntou quem era voluntário para subir até a campina e combater os peludos. Os fanáticos se chamavam de irmãos, como fazem os crentes hoje, e chamavam o pessoal do governo de peludos. Mas o pessoal da guarda estava com medo de subir até a campina, ninguém quis acompanhar a *virgem*, até que ela pegou um homem que foi, o Adolfo, meio a força, com uma *Winchester*

---

<sup>112</sup> Depoimento de Domingas. Retirado da tese de doutorado: MACHADO, Paulo Pinheiro. **Um estudo sobre as origens sociais e a formação política das lideranças sertanejas do Contestado, 1912-1916**. Campinas. São Paulo, 2001. Pág:419.

<sup>113</sup> Depoimento de João Paes de Farias. Retirado de MACHADO. Op. Cit.p.454.

<sup>114</sup> Depoimento de Avelino Corrêa. Retirado de Idem. 176.

emalada para chegar na campina. Pois que chegaram lá e viram que o acampamento do governo estava destruído, era sangue pra tudo que era lado, mas não viram corpos dos soldados. Nisso a *virgem* gritou: *Quem destruiu o acampamento dos peludos foi o Exército Sagrado, que desceu do céu e acabou com eles!* Depois outros subiram e viram também a destruição. Eu mesmo lembro de ouvir o barulho do fogo lá de cima da campina.<sup>115</sup>

Isso mostra que, Maria Rosa não abandonou o movimento, e talvez nunca abandonasse, mesmo esse não mais sendo mais aquilo que ela idealizou.

No dia 2 de abril, como já vimos no capítulo anterior, o reduto-mor de Santa Maria é atacado pela unidade do Capitão Potiguara, da Coluna Norte de Setembrino. Sua tática de cercar o reduto e impedir a entrada de mantimentos deu certo. Foram vários dias, e até meses de bombardeio. Muitos conseguiram fugir do local, como o caso de Adeodato. Mas Maria Rosa não.

Sua prima Antoninha, recorda de que no auge da luta, pediu para ela fugir com sua família dali, e Maria Rosa teria se recusado. Nenem Chefre, também fala a mesma coisa, que dois dias antes do exército entrar no reduto, aconselhou Maria Rosa a fugir, e que ela negou veementemente. (FELIPPE, 1995:182)

Outros depoentes também acreditam que Maria Rosa morreu em combate. Seu João Maria Palhano diz que: *“Era uma menina nova. Dizem que era muito bonita, mas não ficou nem uma foto dela. Acho que morreu na guerra.”*<sup>116</sup>

Seu João Paes de Farias quando perguntado pelo Paulo P. Machado se o Adeodato teve filhos responde que: *“Eu não conheci, acho que não deu tempo, ele era casado a pouco tempo. A Teodora, depois da guerra casou e teve filhos. A Maria Rosa eu nunca mais vi, não sei se ela sobreviveu à guerra.”*<sup>117</sup>

Para Nilson Thomé, Maria Rosa foi morta dia 1º de abril de 1915. Tombou ao lado de 109 sertanejos que atacam as foças de Potyguara durante a travessia destes, pelo rio. Ela quis ficar com sua gente e combater o exército.

Thomé ainda diz que Teodora, em depoimento, teria dito de sua amiga: *“Ela morreu na entrada de Santa Maria, defendendo a nossa gente”*. (THOMÉ, 1999:195-197)

---

<sup>115</sup> Depoimento de Raulino Correa de Souza. Retirado de Idem. 479.

<sup>116</sup> Depoimento de João Maria Palhano. Retirado da tese de doutorado: MACHADO, Paulo Pinheiro. **Um estudo sobre as origens sociais e a formação política das lideranças sertanejas do Contestado, 1912-1916**. Campinas. São Paulo, 2001. Pág 446.

<sup>117</sup> Depoimento de João Paes de Farias. Retirado da tese de doutorado: Idem 455

Demerval Peixoto relata que após a incursão no reduto de Santa Maria, os soldados recolheram os chamados “troféus-de-guerra” e que ali encontraram:

Encontramos também n'um bahú de madeira que jazia no interior de uma das casas, um complicado vestido da virgem Maria Rosa, a celebre heroína cujo prestígio se irradiava sobre o espírito de todos seus irmãos. Era branco, e todo enfeitado, de fitas azues e verdes, sendo além disso complicadamente enfeitado de uma profusão de pennas de passaros, de todas as matizes, n'uma profusão de cores raras e vivas. Foi com respeito que conduzimos o estranho e bisarro vestido da virgem para ser entregue ao nosso commandante.<sup>118</sup>

Mas sabe-se, através da pesquisa da historiadora Zelia de Andrade Lemos que na verdade Maria Rosa não morreu na guerra.

Zelia estava atrás do paradero de Maria Rosa, já que ao final da guerra as crianças orfãs foram doadas pelo governo, para fazendeiros e famílias abastadas da região.

Lauro Costa conta isso para Paulo P. Machado:

A Maria Rosa foi dada pra família Bastos, para o Severo Bastos. Isto foi muito difícil para a Lila, porque foi feito um novo registro para a Maria Rosa, só com o nome de Rosa, Rosa Bastos. Muitos dizem que a Maria Rosa morreu na guerra, lutando. Não, ela sobreviveu, foi criada pelo Severo Bastos e casou-se com o Cristiano Westffalen, de Pouso Redondo. A Lila chegou até Pouso Redondo e teve notícia da morte de Maria Rosa, há poucos anos. As filhas dela se revoltaram, não queriam saber de falar nada sobre a vida da mãe. Depois de viúvo, o Cristiano Westffalen casou com a viúva Marafigo. Hoje Cristiano já está morto e só quem tem pistas das filhas da Maria Rosa é a viúva Marafigo. Mas as filhas da Maria Rosa não querem falar, ficam revoltadas, mas dá pra achar o túmulo de Maria Rosa no cemitério de Pouso Redondo. O túmulo está em nome de Rosa Westffalen.<sup>119</sup>

Suas filhas, temendo a represália das autoridades e até mesmo da população daqueles que não viam o movimento com “bons olhos”, ficaram com medo de falar sobre a vida de sua mãe.

---

<sup>118</sup> PEIXOTO, Demerval. **Campanha do Contestado**-Episódios e Impressões. Rio de Janeiro, 1916. Pág .715.

<sup>119</sup> Depoimento de Lauro Costa. Retirado da tese de doutorado: MACHADO, Paulo Pinheiro. **Um estudo sobre as origens sociais e a formação política das lideranças sertanejas do Contestado, 1912-1916**. Campinas. São Paulo, 2001. Pág: 465.



Provavelmente, não saberemos mais sobre Maria Rosa. O que a fez ficar no movimento, mesmo sabendo que este estaria fadado a acabar. Como conseguiu escapar tanto da fome, quanto dos soldados do governo, já que sua fama estava espalhada pelo estado e seu nome estava nos jornais. Qual o objetivo que a movia, em um lugar tão patriarcal, que não admitia uma mulher ter o posto de chefia que teve, e mesmo assim ser respeitado durante um tempo e ter vitória como teve em certos momentos.

Maria Rosa preferiu terminar sua vida no anonimato, reclusa no círculo familiar, e ter somente nas suas lembranças o espírito guerreiro de outrora.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

A Guerra do Contestado foi um movimento sem precedentes aqui em Santa Catarina. Milhares de pessoas perderam suas vidas, lutando pelo único bem que tinham adquirido: a terra. Queriam antes de qualquer coisa, proteger o seu modo de vida. Mas encontraram pelo caminho a ganância e o poder acima de qualquer custo.

Acontece que os sertanejos estão acostumado com as lidas do campo, com as incertezas do tempo. Não é qualquer coisa que os abate. Passaram meses travando não só uma luta com as forças do governo, mas também com a fome, e não acreditando nas suas próprias forças, imploravam ao céu ajuda para combater o inimigo.

Um dos maiores desafios encontrados ao trabalhar com a “história das mulheres” é que estas são condicionadas como sujeitos anônimos, uma massa de indivíduos apáticos, sendo o principal objetivo da história de realmente devolver a elas a condição de sujeitos históricos, seja qual for a classe social, cor, etnia e sexualidade.

As mulheres foram de suma importância para o Contestado, mas pouca coisa se diz a respeito delas nas bibliografias pesquisadas sobre a guerra. Um desses livros por exemplo, do Cabral, só menciona Maria Rosa uma vez.

Para a formação do segundo Taquaruçú, foi preciso as visões de Teodora, uma menina de onze anos, para incitar a população cabocla, para se unir e lutar. Sua avó Querubina, foi uma mulher fantástica de igual maneira. Era ela por trás de algumas decisões do marido Eusébio, como por exemplo a nomeação dos Meninos – Deus e da virgem Teodora. Foi ela quem ajudou que uma outra família de prestígio local aderisse ao movimento: a família de Elias de Moraes, através de outra mulher, sua esposa Adúlcia.

Outra família que também adere ao movimento por conta da esposa, foi a família do Praxedes Gomes Damasceno. Praxedes era um comerciante de Taquaruçú. Já tinha dito que não partilhava do movimento dos caboclos, inclusive já tinha denunciado o segundo Taquaruçú. Mesmo assim foi morto por emboscada pelo coronel Albuquerque. Esse feito foi interpretado pela família como um ato de covardia. Então sua esposa Ana Gomes César devota a João Maria reúne a família e parte

para o reduto, dizendo que seu marido não tinha morrido, mas *passado* para o lado do “exército encantado” de “São Sebastião”.(MACHADO,2004:220)

Outras virgens também existiram em outros redutos simultaneamente à Maria Rosa. Na cidade santa de São Pedro existiam a Maria do Carmo e Conceição<sup>120</sup>, que também se vestiam de branco e levavam a espada do chefe, nas procissões.

Uma outra virgem também mencionada por Queiroz, no reduto de Pedras Brancas, era a Sebastiana Rocha, que era casada e tinha filhos, foi ela que em uma visão avisou que a tropa do governo ia invadir o reduto.

Os caboclos precisavam de uma voz de comando, de uma direção durante os conflitos, talvez para que as pessoas aceitassem mais fácil entrar na luta, foi mais conveniente dizer que essas vozes vinham do alto, por isso a “criação” das *virgens*.

Mas Maria Rosa foi diferente das outras. A única que realmente teve voz de comando. Que foi obececida.

Pelos relatos podemos notar que Maria Rosa foi muito mais do que uma *virgem* deveria ser. Foi filha, vidente e comandante. Mesmo após perder o *aço* não abandona aqueles que largaram tudo o que tinham para seguir com ela, continuou cuidando dos enfermos e ajudando as mulheres e crianças na luta diária pela sobrevivência.

Enquanto comandante, Maria Rosa foi exemplar. Comandava com mãos de ferro o reduto. A violência só era empregada em caso de necessidade. Era contra as invasões de propriedades alheias. Era seu o comando dos caboclos nos dois atentados a Caraguatá, onde saíram vitoriosos.

Partia dela as ordens, quem podia entrar, sair ou casar<sup>121</sup> nos redutos. Nada passava despercebido por ela. Tomou o posto de liderança na guerra, era destemida, ia a frente da tropa, em cima de seu cavalo, empunhando a bandeira do movimento e gritando palavras de ordem. “*Os jagunços atacaram a força abrigada no capão comandados pela Maria Rosa, ela tinha voz de comando, toda vestida de branco, montada num cavalo branco, segurando uma bandeira*”<sup>122</sup>.

---

<sup>120</sup> QUEIROZ, Maurício Vinhas de. **Messianismo e conflito social. A guerra sertaneja do contestado 1912-1916**. São Paulo, Ática,1977. Pág. 237.

<sup>121</sup> FELIPE, Euclides José. **O último jagunço**. O folclore na história da Guerra do Contestado. Curitiba: UnC, 1995. Pág. 153

<sup>122</sup> Depoimento de Elias Ribeiro em 12/02/1998. Retirado da tese de doutorado: MACHADO, Paulo Pinheiro. **Lideranças do Contestado: a formação e a atuação das chefias caboclas (1912-1916)**. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004. Pág. 422

Maria Rosa tomou essa proporção toda por conta de sua personalidade forte, por estar na hora e no lugar certo.

O que eles precisavam era alguém para colocar o plano de “monarquia celestial” em curso, alguém que tinha as respostas que eles queriam ouvir e o pulso firme, mas com as qualidades de *virgem* para dar a autenticidade que precisavam.

Entendemos que Maria Rosa somente perdeu seu posto a partir do momento em que o movimento muda de rumo, de estratégia. E isso acontece justamente porque Maria Rosa leva os caboclos a vitória, e esses com o ego inflado, pois não acreditavam que podiam vencer o exército com todo o seu armamento e experiência de luta, começam a acreditar que o sobrenatural não é tão importante assim e que sozinhos eles conseguem a vitória também. Talvez por isso que não se “cria” novas virgens depois de Maria Rosa.

A partir desse momento, o movimento muda: antes eles se defendiam e esperavam o ataque. Não matavam e saqueavam a esmo. Esperavam a represália para então atacar e se defender.

A queda de Maria Rosa não se deu pela traição da conversa dela com Matos Costa. Mas por conta de toda essa inversão de estratégia da guerra. Quanto mais chefes e comandos diferentes, mais diferentes eram os ideais, e mais desanimada ficava Maria Rosa. Ela começa a dizer que José Maria não fala mais com ela e se retira do posto de *virgem* e comandante.

Mas nunca sai de junto do seu povo. Continua ali, cuidando dos enfermos. Ela era a última esperança para uma solução pacífica na guerra.

Sendo *virgem*, avó ou simplesmente mulher, as mulheres do campo foram essenciais para o movimento. Eram elas que cuidavam das casa e comida, arrumavam o reduto, partilhavam os alimentos, Rosa Paes de Farias, filha de Chico Ventura, fazia a bandeira do movimento e os uniformes dos Pares de França<sup>123</sup>.

#### Figura 10 – Rosa Paes de Farias

---

<sup>123</sup> Heranças e Lideranças do Contestado. **Revista História Catarina**. Ano IV. Nº 18 – Abril de 2010. Pág. 33.



Foto retirada de Heranças e Lideranças do Contestado. **Revista História Cataria**. Ano IV. Nº 18 – Abril de 2010.

Mas sofram demais. Mesmo no reduto. No primeiro Taquaruçu , as mulheres eram espancadas por leves infrações de fé.<sup>124</sup> Querubina levou uma surra de seu neto Joaquim, quando este se tornou Menino-Deus, depois disso Querubina fica sendo considerada santa. Adeodato mata a sua esposa para desposar outra. Muitas vezes elas eram poupadas junto com seus filhos dos assassinatos como é o caso da família de Neco Pepe, em outras como no caso do ataque a Taquaruçu, a maioria era mulheres e crianças que morreram, pois os homens tinham ido á Caraguatá arrumar o acampamento.

Infelizmente pouquíssima coisa mudou dos tempos do contestado, para os de agora, principalmente em relação as mulheres.

Elas são as responsáveis por mais da metade da produção de alimentos do mundo, mas por outro lado são as que mais vivem em situação de desigualdade social, política e econômica. Apenas 30% são donas formais de suas terras, 10%<sup>125</sup> conseguem ter acesso a créditos. Além disso as mulheres rurais enfrentam mais restrições do que os homens no acesso a terra, insumos agrícolas. As mulheres, de forma rotineira, também são vítimas de discriminação nos mercados de trabalho rurais e são as responsáveis pela maior parte do trabalho não remunerado, já que ficam também à frente dos cuidados dentro de suas casas, dos filhos e dos a fazeres domésticos. Mas tem quem consiga ainda, no meio disso tudo, lutar.

---

<sup>124</sup>QUEIROZ, Maurício Vinhas de. **Messianismo e conflito social. A guerra sertaneja do contestado 1912-1916**. São Paulo, Àtica,1977. Pág.177.

<sup>125</sup><https://nacoesunidas.org/artigo-a-importancia-das-mulheres-rurais-no-desenvolvimento-sustentavel-do-futuro/>. Acessado em 12/06/2018.



## 5. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA:

CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **Os Errantes do Novo Século**. São Paulo: Duas Cidades. 1974.

DOSSE, François. **O desafio biográfico: escrever uma vida**. São Paulo: USP, 2009. ESPIG, Márcia Janet. **A presença da Gesta Carolínea no movimento do Contestado**. Canoas: ULBRA, 2004.

ESPIG, Márcia Janet. **Personagens do Contestado**. Os turmeiros da EFSPRG. Pelotas: Ed. UFPEL. 2012.

FACHEL, José Fraga. **Monge João Maria: recusa dos excluídos**. Porto Alegre; Florianópolis, editora da UFRGS; UFSC, 1995

FELIPE, Euclides José. **O último jagunço**. O folclore na história da Guerra do Contestado. Curitiba: UnC, 1995.

FERREIRA, Marieta; AMADO Janaina(orgs). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: FGV.2000.

GINZBURG, Carlo. **A micro-história e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.

<http://paulopinheiro.paginas.ufsc.br/>.

Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. <http://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. acesso em Fev. 2018.

<https://nacoesunidas.org/artigo-a-importancia-das-mulheres-rurais-no-desenvolvimento-sustentavel-do-futuro/>. Acesso em Junho 2018.

<https://nacoesunidas.org/artigo-a-importancia-das-mulheres-rurais-no-desenvolvimento-sustentavel-do-futuro/>. Acessado em 12/06/2018.

KARSBURG, Alexandre de Oliveira, **O Eremita das Américas**. Santa Maria: Ed. UFSM.

LEVI, Primo. **É isto um homem?** Editora: Rocco. Edição:2 Ano:2013.

LUZ, Aujor Àvila. **Os fanáticos, crimes e aberrações da religiosidade de nossos caboclos**. Florianópolis: (s.ed) 1952.

MACHADO, Paulo Pinheiro. **Lideranças do Contestado**. Campinas, Ed. da UNICAMP, 2004.

MACHADO, Paulo Pinheiro. **Lideranças do Contestado: a formação e a atuação das chefias caboclas (1912-1916)**. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

MACHADO, Paulo Pinheiro . **O Conflito do Canudinho de Lages (1897)**. Estudos de Sociologia, Araraquara, v.13, n.24, p.65-78, 2008.

MACHADO, Paulo Pinheiro, AXT. Gunter. **O processo de Adeodato, último chefe rebelde do Contestado**. Florianópolis: CEJUR, 2017.

MONTEIRO, Duglas Teixeira. **Os Errantes do Novo Século**. SP: Duas Cidades. 1974.

PEDRO, Joana Maria. **“Mulheres do Sul”** In DEL PRIORE, Mary (org.) História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2000.

PEIXOTO, Demerval. **Campanha do Contestado**-Episódios e Impressões. Rio de Janeiro, 1916.

PORTELLI, Alessandro. **Ensaio de história oral**. São Paulo: Letra e voz. 2010.

PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escrita**. São Paulo: Letra e voz, 2016.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **O Messianismo no Brasil e no mundo**. São Paulo; Alfa-Ômega, 1976.

QUEIROZ, Maurício Vinhas de. **Messianismo e conflito social. A guerra sertaneja do contestado 1912-1916**. São Paulo, Àtica, 1977.

**SILVA**, Seligmann Márcio. **Narrar o trauma** –a questão dos testemunhos de catastrofes históricas. PSIC. CLIN., Rio de Janeiro, VOL.20, N.1. 2008.

SOARES, J. Pinto. **Apontamentos para a História – o Contestado**. Porto Alegre: Oficinas Gráficas do Instituto de Eletrotécnica da Escola de Engenharia de Porto Alegre, 1920.

THOMÉ, Nilson. **Os iluminados: personagens e manifestações místicas e messiânicas no contestado**. Florianópolis: insular. 1999.

THOMÉ, Nilson. **A Política no Contestado: do Curral da Fazenda ao Pátio da Fábrica**. Caçador: UnC/ Museu do Contestado, 2002.

TONON, Eloy. **Os monges do Contestado: Permanências, predições e rituais no imaginário**.

VALENTINI, Demir José. **Da cidade Santa á corte celeste: memórias de sertanejos e a guerra do contestado**. Caçador: Universidade do Contestado. 2000.



VALENTINI, Delmir José, EPIG, Marcia Janete, MACHADO, Paulo Pinheiro. **Nem fanáticos, nem jagunços**: reflexões sobre o Contestado. Pelotas: Editora da Universidade federal de Pelotas, 2012.

VASCONCELLOS, Auro Sanford de. **Chica Pelega – a guerreira de Taquaruçu**. Florianópolis: Insular, 2000.

WEINHARDT, Marilene. **Mesmos Crimes Outros Discursos?** Algumas Narrativas sobre o Contestado. Curitiba: UFPR, 2000.

### **Revistas:**

Combate do Irani. **Revista História Catarina**. Florianópolis. Ano VI. Nº 44.

Heranças e Lideranças do Contestado. **Revista História Catarina**. Ano IV. Nº 18 – Abril de 2010.

Pluralidades e singularidades entre Canudos e Contestado. **Revista História Catariana**. Ano IV. Nº 17 – Março de 2010.

João Gualberto e o movimento do Contestado. **Revista História Catarina**. Ano IV. Nº 17 – Março de 2010.

O Eremita italiano Giovanni Maria de Agostini e sua trajetória na América. **Revista História Catarina**. Ano IV. Nº 17 – Março de 2010.

Contestado: Cultura popular e religiosidade. **Revista História Catarina**. Ano IV. Nº 17 – Março de 2010.